

# Stadium



**Stadium**  
 N.º 93, 6 DE JULHO DE 1944

VER NESTE  
 A primeira das  
 ficas, de série  
 acompanhada  
 SPORTING CLUB



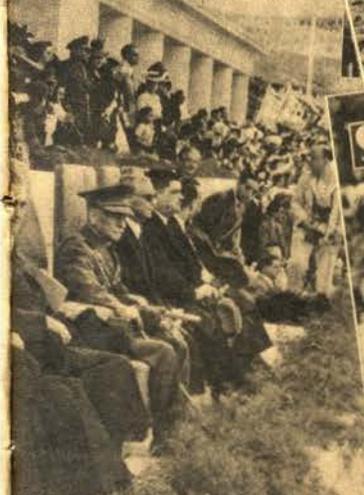
**Stadium**  
 N.º 80, 14 DE JUNHO DE 1944

**Stadium**  
 N.º 81, 21 DE JUNHO DE 1944

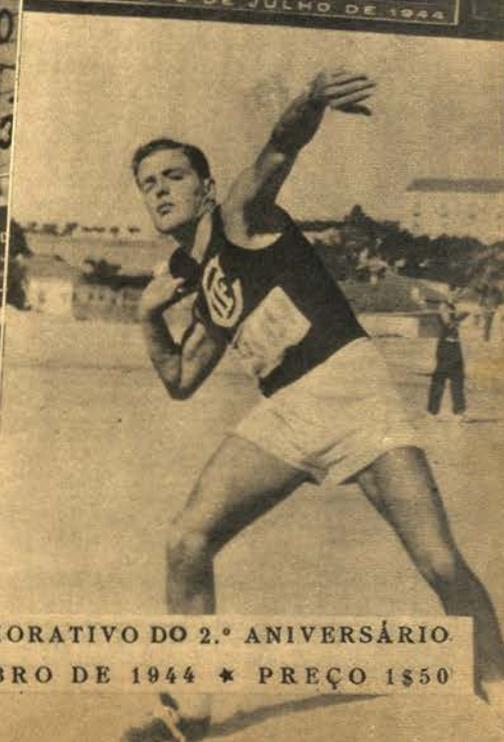


**Stadium**  
 N.º 84, 12 DE JULHO DE 1944

3 de Dezembro de 1944  
 10 de Junho de 1944



ROSA  
 celebra um  
 aniversário



N.º 106 ★ COMEMORATIVO DO 2.º ANIVERSÁRIO.  
 13 DE DEZEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

**SALAZAR**  
 o chefe que prometeu e cumpriu

## Um ano mais

UM ano mais de persistência — um ano de luta na construção da *Stadium*. Quantas lucubrações, quantas canseiras para não ver diminuída a textura do nosso trabalho!

Quantos sacrifícios de ordem material para impedir entraves aos passos que tão conscienciosamente vamos dando, na certeza de que vamos também, embora num ritmo que pode parecer lento, caminhando mais e com maior certeza.

Quanto esforço despendido para manter numa rota de isenções a barca que nos propusemos timonar num ambiente revolto de insensatez!

Impôs-se uma vontade firme, no firme propósito de fazer renascer um elemento, dar-lhe forma fixa, permanente, segura, que correspondesse à consideração e até necessidade de um público que, querendo, talvez não tivesse podido demarcar o âmbito de todo o seu querer, mas compreendeu até onde tem ido o nosso esforço, a nossa vontade, o nosso estímulo próprio, a nossa maneira de ver.

Quem, como nós, tem sentido o sabor acre das dificuldades de variada espécie que o conflito mundial nos tem provocado, é que poderá avaliar de quanto é necessário e preciso para dar vida e manter nela uma revista especializada, por um preço baixo, que não corresponde ao quantum dos materiais empregados, e ainda conduzi-la num mar tormentoso de embates de paixões, mantendo crítica segura e imparcial, não sem muitas vezes ter de apertar o coração ou reprimir o entusiasmo, para a não deixar ir além do mais sã raciocínio.

Assistimos à forma indisciplinada e por vezes irreverente como se praticava o desporto. Hoje, ao verificar-se melhor correcção e compostura, quer no que respeita à disciplina desportiva, quer à forma de praticar o próprio desporto, podemos afirmar que alguma coisa nos cabe, mesmo que modesta, no revigoramento, aperfeiçoamento e desenvolvimento do desporto nacional.

Para isso, e com a segurança de quem sabe o que quer, os nossos melhores colaboradores lançaram os seus ensinamentos ou fomentaram com equilíbrio a propaganda da causa da educação física. Trabalhando

Ano III — Lisboa, 13 de Dezembro de 1944 — II Série — N.º 106

**STADIUM**  
REVISTA DESPORTIVA  
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Propriedade da  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa Cidadeão João Gonçalves, 19, 3.º  
TELEFONE 5 1146 — LISBOA  
Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

INICIATIVAS DA «STADIUM»

# O «Curso de Ciclistas»

teve a última lição teórica

numa sessão a que assistiram o dr. Salazar Carreira, ilustre Inspector de Desportos, e o nosso director

**T**ERVE na passada sexta-feira a sua última lição teórica o «Curso de Ciclistas», que a nossa revista criou há perto de dois meses e que tanto êxito obteve como elemento de divulgação da técnica de montar e correr em bicicleta.

Iniciativa que visava ao conhecimento dos princípios basilares necessários a uma prática racional da velocidade de competição, o «Curso de Ciclistas» foi acolhido com desvanecedora simpatia, quer por parte dos ciclistas, quer pelos dirigentes, incluindo as entidades oficiais que superiormente orientam o ciclismo português. Assim, desde a primeira à última lição de carácter teórico, proferida na presença da quasi totalidade dos alunos inscritos, o interesse destes esteve patente, provando de maneira clara que a ideia foi bem recebida e conquistou muitos e incondicionais admiradores.

E se, embora elevado, o número de alunos não atingiu a cifra que podia alcançar — todos os nossos atletas são refractários a quanto seja aprender... — o certo é que esta primeira experiência, pelo êxito que obteve, leva-nos a prosseguir, ampliando os moldes que regem este curso, tornando-o extensivo a outros sectores e, em suma, dando seqüência a este nosso modesto mas proveitoso trabalho de divulgação técnica, que decerto muito contribuirá para aumentar a bagagem de conhecimentos dos velocipedistas.

Foi a sessão de encerramento presidida pelo nosso prezado director, sr. dr. Guilhermino de Matos, que tinha a ladeá-lo os srs. Antero Ventura, da Federação de Ciclismo, Serafim Santos e A. Sereno, da Associação, e os nossos camaradas de redacção Fernando Sá e Gil Moreira.

Aproveitou Gil Moreira esta última lição teórica para exortar os ciclistas a usarem da máxima lealdade nas competições em que participarem. Perder sem azedume e triunfar sem orgulho — eis o lema a seguir por todos quantos queiram impôr-se como verdadeiros

conosco, abraçaram a nossa bandeira da imparcialidade. Honra lhes seja dada!

Somos presentes às manifestações de tôdas as modalidades desportivas, acompanhando as grandes como grandes — e as pequenas incitando-as a enfileirarem ao lado das maiores.

Criámos uma doutrina de ensinamento; formulámos o direito à vida e ao engrandecimento; proclamámos o desenvolvimento do desporto como uma das possíveis formas, se não a primeira, do engrandecimento de um povo que quer e há-de ser igual aos maiores.

Ao nosso leitor, que compreendeu o nosso esforço e interesse, devemos grande parte do que somos.

Ao recordar o que dissemos no primeiro número da nova série da *Stadium*, sentimos a grande consolação de que o espaço dos dois anos decorridos, em ambiente de dificuldades crescentes, não nos desviou do quanto prometemos.

Cumprimos.

GUILHERMINO DE MATOS

desportistas. Porque, segundo disse ainda Gil Moreira, incansável e competente orientador do «Curso», menos-prezar o valor dos adversários quando estes são vencidos é diminuir o mérito das próprias vitórias.

Depois de colocar em relêvo a disciplina, perseverança e entusiasmo dos alunos, para os quais teve palavras de agradecimento, o nosso estimado colega testemunhou também aos dirigentes da Federação e da Associação o seu reconhecimento pelas facilidades concedidas, que tanto contribuíram para o êxito da nossa iniciativa.

Nesta manifestação de gratidão englobou Gil Moreira a Imprensa, salientando o jornal «Os Sports» e Manuel Mota, seu redactor, nosso prezado amigo e incondicional apologeta do «Curso», e o «Sport Lisboa e Benfica» e Rebelo da Silva, outro bom camarada e amigo, que acolheram a iniciativa da *Stadium* com franca simpatia.

Sobre as vantagens do «Curso» que terminava, falaram também o nosso director, o secretário da Federação, Antero Ventura, e o aluno Flávio Rodrigues.

Antes de encerrada a reunião, e ainda na presença de todos os assistentes, deu-nos a honra da sua comparação — uma surpresa de veras agradável — o sr. dr. Salazar Carreira, ilustre Inspector de Desportos. Quis assim, mais uma vez, manifestar a sua simpatia pelo trabalho efectuado, endereçando publicamente à *Stadium*, a Gil Moreira e aos alunos do «Curso» as suas felicitações. Disse contar que outras iniciativas surjam em futuro próximo, porque, tendo seu cargo, como Inspector, os assuntos de ciclismo, jamais regateará apoio aos que pretendem trabalhar para o progresso e desenvolvimento da modalidade.

Uma calorosa e prolongada salva de palmas serviu para testemunhar ao dr. Salazar Carreira em que conta foram tomadas as suas palavras de incentivo.

E assim terminou a parte mais importante do «Curso de Ciclistas», que em tão boa hora *Stadium* organizou.

Os alunos serão avisados oportunamente das lições práticas a efectuar ainda.

PODE ESCANHOAR-SE A VONTADE



Se usar creme OATINE, o creme que contem LANOLINA, — de excelentes propriedades suavizantes por isso a cútis fica avulvedada e com uma agradabilíssima sensação de bem estar.

**OATINE**

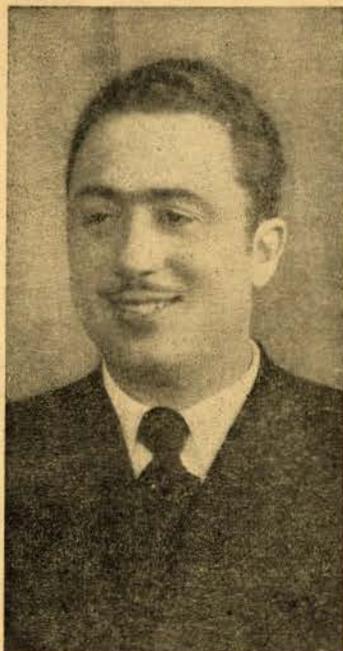
Loção para DEPOIS de barbear.  
Produtos de beleza  
Perfumários de fama Mundial  
À VENDA NAS BOAS CASAS

**Amadeu Seabra**

HANDBAL

No momento em que esta segunda série da *Stadium* entra no seu terceiro ano de publicação, um nome há que cumprir pôr em relevo: o de Amadeu Seabra.

A sua situação de sócio e gerente da Sociedade de Revistas Gráficas, Limitedo, proprietária



da revista, não pode levar-nos a omitir o seu nome, nem mesmo pelo receio de que se julgue haver subserviência da parte de quem trabalha nesta casa. Não há — somos até dos que marcam, por princípio, posições definidas, mas que não se excusam a elogiar francamente quem o merece.

Ora Amadeu Seabra merece o que afirmamos. Não há impossíveis para ele — em boa vontade para a revista. Nunca fez perante nós o menor defeito dos seus interesses, materiais ou em afiñidades de clubes ou desportos. Para Amadeu Seabra, a *Stadium* é uma tribuna sagrada — em apuro. Pela sua expansão e pelo seu progresso,

# O jogo Lisboa-Madrid

preocupa a crítica espanhola

A imprensa espanhola, sobretudo nas regiões da Catalunha e Guipuscoa, está a desenvolver, em relação ao próximo encontro Lisboa-Madrid, uma campanha cujos propósitos nos parecem incompatíveis com a característica estabelecida para o jogo.

Foi primeiro o «Mundo Desportivo» que lançou a sugestão de reforçar o grupo madrileno com jogadores catalães e, depois, veio em seu reforço o «Unidad», de S. Sebastião, aliviando o mesmo quanto a jogadores baseos.

«Reforçar o conjunto madrileno — diz o autor do artigo — seria desvirtuar o significado do encontro, mas de outra maneira talvez não consiga esclarecer-nos sobre a verdadeira classe do «handball» espanhol.»

Não acreditamos que a Federação Castelhana, e menos ainda a Delegação Nacional, que fiscaliza a organização da embaixada do «handball» madrileno e estará representada em Lisboa pelo sr. Hildebrand, chefe da Secção de Federações, sancionem a inclusão de elementos que não pertençam realmente aos grupos de Castela; mas, pelo sim pelo não, chamamos para o caso a atenção dos nossos dirigentes — para que estejam de sobreaviso e se antecipem a quaisquer eventualidades, dirigindo-se, se tanto for preciso, aos altos poderes desportivos espanhóis.

Acreditamos também, como os jornalistas do país irmão, na provável vitória dos lisboetas, mas não nos parece que isso represente desprimor para os vencidos nem seja motivo para sofismar a realidade. Derrotas temos

presente e futuro, não olha a sacrifícios. Para a frente — é o caminho que nos indica e para o qual nos faculta todos os meios ao seu alcance. E sempre com um sorriso e com algumas palavras amigas e de inclemente.

E porque a revista — afirma-lo sem qualquer espécie de jactância — tem prestado apreciáveis serviços ao desporto, este também os deve a Amadeu Seabra, se é que não lho deve em especial como principal animador de uma obra que a todos reúne na mesma afirmação de simpatia e dedicação pela causa da educação física.

Que nos releve Amadeu Seabra a referência. Merece esta simples homenagem, que se lhe preste com justiça — e com o coração. É um dos triunfadores, nesta hora de regosijo!

acumulado em futebol, algumas bem amargas, e nem por isso nos sentimos inferiorizados ou desistimos de prosseguir na competição.

Outros empreendimentos podem seguir-se a este ensaio entre as capitais peninsulares; os grupos representativos de Lisboa ou do Pôrto aceitam com certeza, gostosamente, defrontar os catalães ou os guipuscoanos, mas cada um por sua vez e com a sua verdadeira designação. Assim como também, sejam quais forem os resultados dos inter-regionais, estaremos aptos para o confronto internacional.

Entretanto, à margem das preocupações dirigentes, os jogadores prosseguem, sob a orientação do seleccionador Acácio Rosa, o seu trabalho preparatório para o grande encontro.

Domingo passado, no relvado das Salésias, onde a partida se celebrará, defrontaram-se dois grupos mistos durante o tempo regulamentar e com a assistência do Inspector da modalidade, dr. Salazar Carreira.

O treino foi excelente e deve ter ajudado o chefe responsável pela escolha a formar bom juízo sobre as possibilidades de todos e de cada um.

A marcação final, 10-7, mostra que se jogou no melhor espírito, sem a preocupação de anular a todo o transe ou preferindo destruir a construir.

Na primeira parte do encontro jogou o mais forte ataque contra a mais forte defesa — e esta levou a melhor, assegurando ao seu conjunto a vantagem de 5-3.

Durante meia hora, a asa Matos Moura-Neves fez coisas bonitas e o centro João Mendes mostrou a força e facilidade do seu remate.

Depois do intervalo, a equipa mais forte alinhou com Osvaldo, Jaime Silva e Natividade; Macara, Miranda e Correia César; Armando Pereira, Vicente, Tomás, Pimentel Saraiva e Matos Moura, aumentando consideravelmente de eficiência. Na formação adversária, que peçou por jogar com um médio de recurso, manteve-se espírito de luta e luziram Jorge Almasquê, Abreu, Leonel e, sobre todos, Pimenta.

No próximo domingo principia o campeonato regional, que será interrompido no domingo seguinte para novo e último treino de apuramento da selecção; só depois conheceremos em definitivo a composição da linha lisboeta e, entretanto, prováveis e possíveis prosseguem com as sessões em campo, às quartas-feiras pela manhã, no terreno de Campolide, e de gymnástica tôdas as sextas-feiras à noite.

JOSÉ DE EÇA

## Reportagens gráficas

ENTREGA DAS CAPAS

Prevenimos os nossos leitores que são expeditas esta semana, para tôdas as localidades onde a nossa Revista tem agentes, as capas para a encadernação das Reportagens Gráficas, podendo ser reclamadas aos mesmos a partir da próxima segunda-feira, 15 do corrente.

Já podem ser pedidas no PÓRTO — rua Passos Manuel 209, 1.º — as capas para esta cidade. M. tozinhos, Gaia, Ermesinde, Leça, Valadares, e Lordelo.

ESTAMPAS ESGOTADAS

Já começou a distribuição das estampas esgotadas e que fizemos reimprimir, iniciando-se o envio directo às pessoas que no-las pediram.

## A. RIBEIRO DA COSTA

ALFAIATE DE SENHORAS  
MODAS

245 — Rua Augusta, 247 — LISBOA  
TELEFONE 2 1040

# O 1.000º EXAME

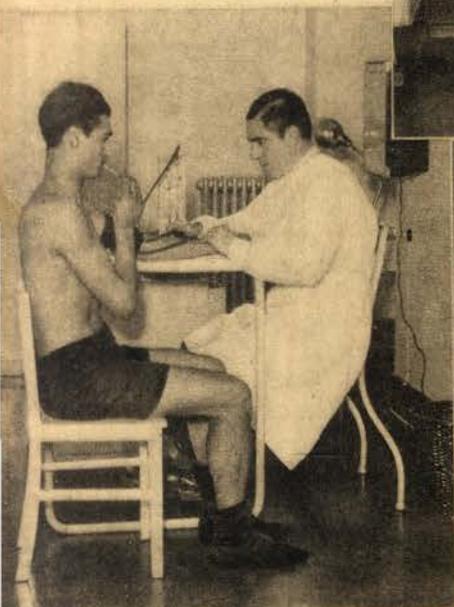
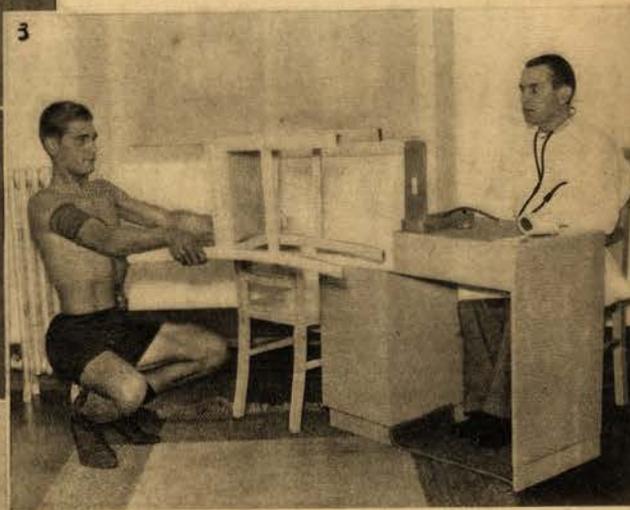
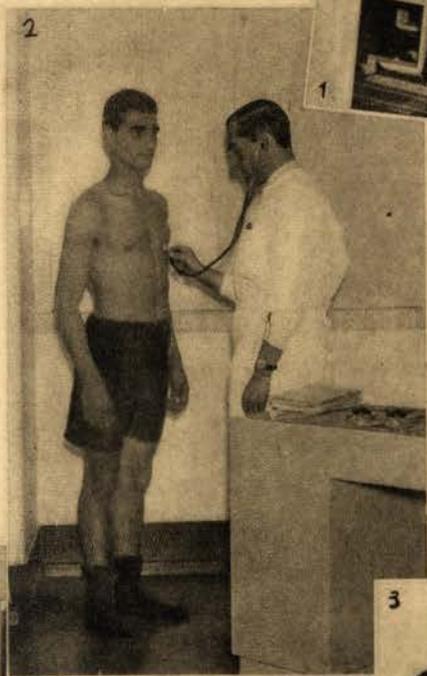
feito no Centro de Medicina Desportiva

O Centro de Medicina Desportiva da Federação Portuguesa de Futebol, instituição criada para inspecionar os desportistas lisboetas, averiguando se estão aptos a praticar as múltiplas modalidades de desportos por que têm preferência, examinou há poucos dias o seu milésimo cliente.

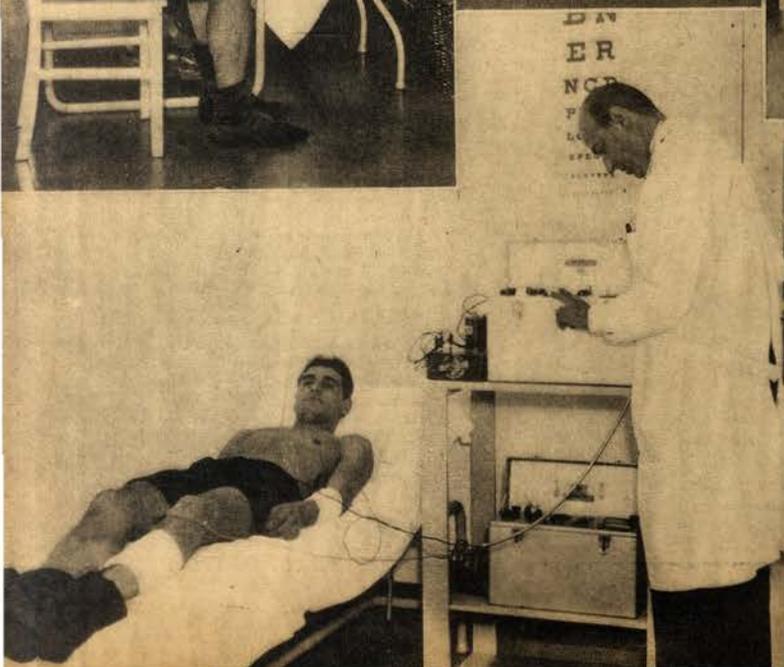
A primeira vista o acontecimento poderá parecer-nos banal e pouco significativo; representa, apesar disso, a prova flagrante da regular actividade do organismo que foi inaugurado há nove meses. Mil indivíduos examinados, catalogados e despachados, não constituem um total esmagador e astronómico, à moda americana, mas, se notarmos que os dias úteis de labor médico são em número menor que o lapso de tempo cronológico—havendo a subtrair-lhe domingos, sábados, feriados e um mês de férias—a tarefa realizada adquire maior importância e torna-se mais eloquente.

No entanto, e apenas para se poder avaliar melhor da possível eficiência do Centro, houvessem as colectividades e os desportistas correspondido pontual e integralmente às

Uma reportagem que interessa a todos os desportistas—Ouvindo o dr. Mesquita Guimarães, director do Centro



1— Biometria: tomando o perímetro torácico a Alvaro Dias; 2— Auscultação cardíaca; 3— A prova de esforço de Kolrausch; 4— A prova de Burger; 5— Exame electrocardiográfico.



convocações que lhes foram dirigidas—comparecendo na máxima força nos dias e horas previamente marcadas para exame—e poderiam estar registados hoje no arquivo perto do dobro dos examinados actuais.

A maneira simples e eficiente como os serviços de secretaria estão organizados, tudo prevendo, desde o simples pormenor ao aspecto de conjunto, contribui muito para o funcionamento regular e sem atritos das inspecções. Os clubes sabem com antecipação das datas que lhes foram reservadas e durante as quais devem comparecer os seus associados. Em cada dia o número máximo de exames é de doze—isto sem contar os consulentes em estudo ou sob vigilância, que, em regra, são recebidos à tarde.

Até à data, o Centro só reprovou 27 desportistas, em definitivo, assim distribuídos; futebol 20; ciclismo, 4; boxe profissional, 2; «basketball», 1. Uma fracção reduzidíssima, como se vê, inferior a 3 por

cento dos examinados. O Centro de Medicina pode orgulhar-se de cumprir a missão que lhe foi adstrita e que é igual à de outros institutos similares, criados no estrangeiro com o aplauso da gente culta, livre de invejas e compreendedora da grande necessidade que presidiu à sua fundação.

\*

No dia 24 de Novembro, pelas 8,30 horas da manhã, realizou-se a inspecção do milésimo desportista e o acaso quis que o numeral coubesse a Alvaro Pires Dias, praticante eclético e desempenado, inscrito na A. F. L. pelo Grupo Desportivo de Carcavelos. Vamos relatar ao leitor as fases sucessivas do seu exame, para que avalie o grau de cuidado com que foi feito, lamentando apenas a aridez forçosa da matéria.

Em traje de circunstância, calção e meias grossas, Alvaro Dias entrou pelo primeiro gabinete—Biometria—onde lhe foram tomadas medidas da estatura,

capacidade vital, perímetros e diâmetros torácicos, comprimento dos membros, perímetros dos braços, ante-braços, coxas e pernas, pêso e hem assim outras mensurações destinadas à aplicação do método Duarte Santos, utilizado na determinação do tipo morfológico do indivíduo a estudar.

Em seguida passou ao gabinete imediato, onde lhe foi feita auscultação cardíaca em decúbito, de pé e após esforço, com palpação do choque da ponta. O exame do aparelho circulatório continuou com a execução das provas de esforço de Kolrausch e Bürger. A primeira consta de 40 flexões das pernas—reduzidas, em geral, a 20 nos indivíduos medianamente treinados—com elevação anterior de uma cadeira. A frequência do pulso e a tensão arterial são tomadas em repouso e depois da prova, determinando-se o tempo de retorno à normalidade.

A prova de Bürger consiste, resumidamente, na avaliação da reacção cardíaca pelas variações da pressão sistólica, que resultam do esforço produzido em equilibrar uma coluna de mercúrio com 5 centímetros de altura por 1 centímetro de secção, durante 30 segundos, com a força expiratória.

Os resultados desta prova são registados por meio de uma curva que indica, pela sua configuração, a maneira como o aparelho circulatório se comportou. Em todas as modalidades desportivas que se caracterizam por variações de pressão intratorácica apreciáveis, tais como saltos para a água, levantamento de pêsos, ginástica de aparelhos, aviação, etc., tem esta prova grande valor.

O exame do coração e vasos terminou pela observação radioscópica da conformação e dimensões cardíacas. Em casos de dúvida quanto à existência de lesões, os desportistas serão observados numa consulta especializada, onde lhes fazem exames electrocardiográficos e outras provas de esforço, determinação da velocidade circulatória, radiografias e, em resumo, tudo o que for indispensável para esclarecimento do assunto.

O aparelho respiratório também foi analisado com rigor. Executou-se a inspecção, percussão e auscultação do torax, determinando-se, depois, o tempo de apneia voluntária. A todas estas provas sucessivas sujeitou-se vitoriosamente Alvaro Dias—e o exame radioscópico foi-lhe favorável. Em geral, este exame conclui, nos casos normais, a respectiva observação, mas nos que sugerem dúvidas efectuam-se radiografias, análises de expectoração, determina-se a velocidade de sedimentação sanguínea, etc.

Em seguida, o desportista do Carcavelos foi interrogado para averiguar da existência de perturbações digestivas, submetendo-se à palpação abdominal, pesquisa de pontos dolorosos, etc.

O aparelho génito-urinário foi igualmente observado e a urina examinada (pesquisa de albumina e de glicose). Tal como se disse antes, nos casos em que subsistem dúvidas é de rigor proceder à análise completa da mesma, exame de sedimento, provas funcionais, etc. Não findou ainda a tarefa a que se sujeitou o desportista do Carcavelos. O seu sistema nervoso foi apreciado por meio de interrogatório sobre antecedentes e sofrimentos e pesquisa de reflexos.

A inspecção da vista e a determinação da acuidade visual, que se lhe seguiu, foi o prólogo de outro estudo: o oto-rino-laringológico (observação da boca, laringe, nariz e ouvidos, e determinação da acuidade auditiva).

O sangue é, também, convenientemente estudado nos casos cujas tendências sugerem esse procedimento. Efectuam-se, então, reacções de Wassermann e Kahn, dosagem de ureia, glicose e indicam, velocidade de sedimentação, etc.

O exame ectoscópico, ou externo, de Alvaro Dias, consistiu na pesquisa de distormosismos e paramorfismos—escolioses, lordoses, tórax raquítico, escápula-alata, joelho valgo, pé chato, etc.—na avaliação do desenvolvimento muscular, esquelético e do pâncreo adiposo; pesquisa de hernias, varizes, varicoceles e... *tufti quanti!*

Todos estes factores de estudo, obtidos pela série de observações e análises anteriormente relatadas, associam-se à história do

cliente, isto é, aos antecedentes patológicos pessoais e familiares, sífilis, tuberculose, etc.—aos hábitos (alcoolismo, etc.), à prática de vários géneros de desportos, etc. O juízo final clínico, indicando o valor do atleta examinado e suas deficiências principais, será comunicado ao médico do clube para tratamento eventual e conveniente do interessado.

Este juízo, formulado consoante os elementos obtidos na totalidade do exame que atrás se descreveu em pormenor, constitui a decisão do Centro de Medicina e, como o leitor teve ocasião de reparar, não se trata de simulacro—mas de estudo analítico extenso e profundo. Findas, assim, as provas, fomos indagar da sorte do desportista, a quem designámos por «milésimo caso», ou seja Alvaro Dias, do Carcavelos. Como prevíamos, obtivera aprovação plena, *nemine discrepante*, como usa dizer-se nas faculdades universitárias.

E a rotina diária do Centro continuará seguindo o seu curso natural, repetindo provas, efectuando inspecções e análises noutros homens de desporto, quer futebolistas, quer boxeadores, ciclistas, etc., aumentando sempre o número de fichas e processos no arquivo modular da sua secretaria.

\*

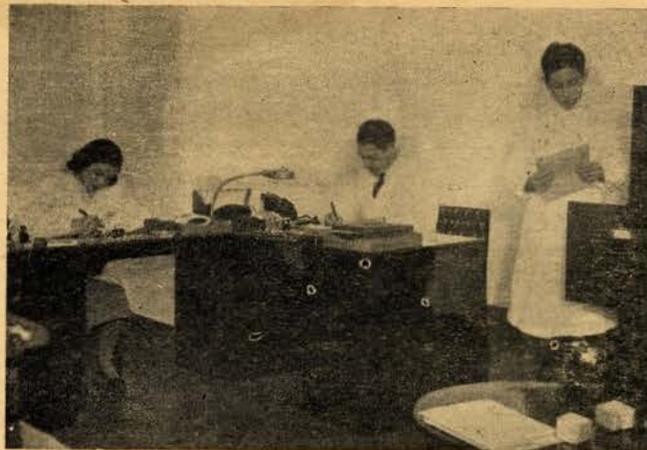
Antes de findar esta reportagem procurámos obter do director da clinica, dr. Mesquita de Guimarães, algumas informações sobre futuras e prováveis melhorias que se projectem nos serviços. O ilustre clínico recebeu muito amavelmente o nosso pedido e retorquiu-nos nos termos seguintes:

—Este protocolo de exame, por muito completo que pareça aos leigos, não satisfaz as nossas aspirações. Sob alguns aspectos, nomeadamente exames do sistema nervoso, órgãos dos sentidos e psicotécnico, é ainda deficiente...

—Houve algum motivo que impedisse a organização inicial definitiva do Centro?—perguntámos.

—Claro que sim—respondeu o dr. Mesquita de Guimarães. As nossas pretensões foram contrariadas por causas financeiras, pela falta de material, proveniente da guerra, e pela necessidade de tornar os exames pouco demorados, dado o elevado número de atletas a inspecionar nos primeiros tempos.

«Logo que sejam demovidos os dois pri-



A secretaria do Centro de Medicina Desportiva em plena actividade

meiros motivos será possível, pela certa, realisar as nossas aspirações, tanto mais que o carinho e o entusiasmo com que a direcção da Federação de Futebol tem acompanhado a sua obra nos garante a assistência moral e material indispensável.

—Poderá dizer-nos alguma coisa sobre esses projectos?—arriscámos.

—Por exemplo: roetgen-fotografia (radiografia miniatura), fonocardiografia (registro sonoro dos tons cardíacos), exame psicotécnico (particularmente destinado à aeronáutica) para avaliação da face psíquica do examinado, de grande interesse na orientação profissional e desportiva...

—Uma pequena indiscreção: que vema aeronáutica fazer neste assunto?—atalhamos nós.

O nosso entrevistado teve um gesto de surpresa, que imediatamente reprimiu, e com um sorriso aquiescente informou-nos estar para breve o início de exames médicos aos candidatos a pilotos da aviação civil, isto a pedido do Secretariado da Aeronáutica respectiva.

Continuando, o dr. Mesquita Guimarães declarou:

—É intenção da F. P. F. alargar os serviços de assistência médico-desportiva, creando em Coimbra e Porto e, de modo geral, nos principais centros desportivos do País, delegações do Centro de Medicina. Pensa-se, até, em ampliar essa assistência—que até agora tem sido meramente preventiva...—ao campo curativo, nomeadamente ao da traumatologia.

—E sob o ponto de vista de investigação e estatística, pode dizer-nos quais são os seus projectos?

—Há vários em via de execução—respondeu o nosso interlocutor. Dependem, um pouco, do material de laboratório que se for adquirindo. Por exemplo, ainda nos não foi possível executar o método italiano Viola—sistema antropométrico de fama universal em biopolo-

gia. Faz parte das nossas intenções determinar o homem médio desportista, da região do Sul, trabalho este que exige muito tempo e imensas observações, para a elaboração de tabelas especiais mas que serão muito necessárias...

O nosso amável entrevistado não escondia a sua ansiedade por ver terminado o suplicio da entrevista. Assuntos profissionais urgentes reclamavam-no. Aceitámos, pois, os acontecimentos—não sem agradecer a gentileza que nos dispensára.

**EMPRESA NACIONAL**  
de APARELHAGEM  
LÉCTRICA

Telef: 6 2177-6 2178  
Telegr: LAMPAR

AVENIDA 24 DE JULHO, 158

Motores, geradores e transformadores  
**ENAE**  
Lâmpadas LUMIAR

O PASTOR GREGO

## SPIRIDON LOUIS

VENÇEDOR DA PRIMEIRA MARATONA OLIMPICA

E O CASO MAIS EXTRAORDINÁRIO QUE SE CONHECE DE 'ATLETA ESPONTÂNEO'

EM homenagem ao vigor e à beleza física do homem, que os gregos simbolizaram em Herakles, criaram-se na antiga Grécia vários jogos desportivos, com mais realce aqueles que apelidaram de *Olimpicos*, *Isthmicos* e *Nemeus*, festividades de grandeza insuperável e em que o esplendor da Hellada tinha maior evidência.

A «maratona», que é uma palavra quasi mágica e sintetiza uma página gloriosíssima da Grécia de sempre, tem a sua história. Vejamo-la: O meda Dario dispuzera-se a escravizar a nação helénica, contra a qual pôs em lata forte exército, de mais de cem mil homens; e, então, Atenas, apenas podendo contar com dez mil soldados, viu-se terrivelmente ameaçada! Era necessária a colaboração de Esparta, estado distante novecentos e sessenta «estádios» (quasi cento e noventa e dois quilómetros), congregando-se os magistrados a apelar para Pheidippides, como recurso supremo em que toda a gente confiava.

Pheidippides, vencedor de várias corridas olímpicas, foi então conjurado a pedir o concurso dos espartanos, mas estes, alegando que um rito religioso os impedia de lutar antes da lua cheia, negaram aos atenienses a sua tão necessária colaboração. Parecia que a batalha ia perder-se... Mas os de Atenas tiveram o auxílio de mil platenses—exército, porém, ainda pequenissimo para a horda dos guerreiros medas de Dario, em número infinitamente superior.

Esta grande e memorável batalha feriu-se na planície de Maratona, e, segundo Herodoto, apenas oito estádios, quilómetro e meio, separavam os dois exércitos. Milcíades, general ateniense, era um bravo e incitava os seus guerreiros à luta, mas apesar da carga heróica e destemida dos helenos, os invasores persas resistiam, até que ao cabo de rija peleja os soldados de Milcíades conseguiram derrotar o inimigo, que, ante a bravura dos helenos, fugia espavorido através da planície, deixando no campo cerca de seis mil e quinhentos dos seus guerreiros.

O vencedor de tantos jogos helénicos, campeão entre os campeões, que não era outra senão Pheidippides, soldado grego dos mais bravos, foi incumbido pelo general Milcíades de ir levar a Atenas a nova do triunfo. Mas da planície de Maratona às portas da capital da Grécia distavam 42 quilómetros! Era um percurso longo e difícil, que para outro que não fôsse o bravo Pheidippides seria quasi intránsponível. Mas o atleta correu, empolgado de tal modo pela esmagadora vitória sobre o exército do persa Dario, com tanto entusiasmo e energia, que pôde vencer o trajecto. Chegou exausto às portas de Atenas, somente tendo forças para exclamar: Vitória! Mas tombou logo, morto, para escrever nas páginas da história um dos maiores feitos dos exércitos helénicos.

Ficou assim imortalizado o percurso de Maratona, que o bravo Pheidippides sagrou com a vida.

Nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, celebrados em Atenas no ano de 1896, a maratona foi ganha por um grego, um pobre pastor de Amaroússi: Spiridon Louis. Era um homem simples, paupérrimo, devotado até então, e mesmo depois de conhecer a celebridade, aos seus rebanhos de cabras e ovelhas, vivendo na serra adusta e sem outro pensamento que não fôsse o da sua triste condição de pastor de gados. Mas Spiridon Louis foi um grande atleta, cuja figura é tanto mais para salientar quanto é certo não ter o homem preparação física de qualquer espécie: apenas o naturalismo puro, em contacto com o ar saudável dos montes.

Spiridon Louis tinha 17 anos e nunca ou-

vira falar de desporto, vivendo tranquilamente na sua aldeia. Era um serrano. Mas um dia viu, em Amaroússi, alguns rapazes a correrem, estenuados, sem alento, cheios de poeira e de suor. Preguntou-lhes o que era «aquilo», recebendo, como resposta, a explicação de que era um treino para corridas pedestres.

Aproximavam-se os Jogos Olímpicos e o desconhecido pastor decidiu-se a ir até Atenas, sabendo, então, que a Maratona era a corrida mais importante. Manifestou vontade de tomar parte na prova, e, cinco dias antes, fez o seu único treino, correndo da planície de Maratona às portas de Atenas, precisamente o mesmo trajecto feito pelo bravo soldado Pheidippides.

A corrida disputou-se a 6 de Abril de 1896. Partiram dezasseis homens, às duas horas de uma tarde de lindo sol. A princípio, o pastor da pequenina aldeia de Amaroússi não foi notado. Seguia em último lugar, com o seu compatriota Vasilakos, e à frente corriam o australiano Didrickson e o francês Lermusiaux—mas aos dez quilómetros, como se sentisse ainda «fresco», Louis resolveu acelerar a marcha! A meio da prova ainda o australiano e o francês lhe levavam cerca de quatro quilómetros de avanço. Spiridon continuou a correr, cada vez com mais energia, e foi o primeiro a chegar ao estádio de Atenas! A multidão delirou com a vitória do desconhecido pastor grego. Spiridon Louis e Amaroússi, a sua terra natal, ficaram célebres.

O primeiro vencedor da maratona, na era



SPIRIDON LOUIS esteve nos jogos de Berlim, aos quais foi convidado a assistir como figura simbólica dos olímpicos. A gravura mostra a sua entrada no grande estádio, acompanhado de dois membros do Comité Olímpico.

moderna, já lá vão quarenta e oito anos, gastou no percurso 2 h. 55 m. 20 s., sem qualquer espécie de preparação, sem ritmo de corrida, sem nada—apenas pelo domínio de si próprio e por força imperiosa de uma vontade indomita.

Eis um «caso», talvez o mais extraordinário, do *corredor espontâneo* que tem aparecido: é que Spiridon Louis, um humilde filho da serra, não se impressionou com o triunfo que o guindou então à celebridade—e acabada a corrida voltou à sua aldeia, aos seus rebanhos...

A PROPOSITO DE NATACÃO...

## Análise comparativa dos campeonatos de Portugal e de Espanha

DISPUTARAM-SE há tempo, em Madrid, na piscina do Lago, os campeonatos nacionais de natação de Espanha, sendo, portanto, curiosa a comparação entre os resultados obtidos no país vizinho e os alcançados em Portugal em idênticas provas, procurando extrair desse cotejo as respectivas ilacções e aproveitando a oportunidade para bordar algumas considerações em torno de certos aspectos da nossa natação, quer isolados, quer confrontando-os com os da vizinha Espanha.

Vejamos, pois, num quadro comparativo, lado a lado, os campeonatos nacionais de Espanha e Portugal e respectivos tempos, indicando-se, também, os «records» portugueses.

Distâncias	Campeões de Espanha	Campeões de Portugal	«Records» portugueses
100 metros-livres	Pera..... 1 m. 58.	M. Simas..... 1 m. 58. 3/10	1 m. 18. 2/10
400 » »	M. Martinez..... 5 m. 33s.	B. Pereira..... 5 m. 34s. 8/10	5 m. 23s.
1.500 » »	M. Martinez..... 22 m. 13s. 7/10	B. Pereira..... 23 m. 49s. 8/10	23 m. 58s. 6/10
4x200 » »	Equipa de Castela..... 10 m. 26s. 8/10	Estoril Praia..... 10 m. 56s. 6/10	10 m. 20s. 4/10
100 » costas	A. Willer..... 1 m. 13s. 4/10	M. Simas..... 1 m. 14s. 3/10	1 m. 9s.
200 » bruços	M. Guerra..... 3 m. 5s. 9/10	S. Marques..... 3 m. 7s. 1/10	2 m. 56s. 8/10

Temos, portanto, que os resultados portugueses são, na sua totalidade, piores que os obtidos pelos campeões de Espanha, havendo até provas—como os 1.500 e 4x200 metros-livres—em que as diferenças são bastante sensíveis. Quere dizer: cingindo-nos exclusivamente aos tempos, teríamos de concluir que num Portugal-Espanha perderíamos todas as provas. Tal afirmação, porém, não corresponderia à realidade dos factos. E' que as marcas que os nossos campeões de 1944 arquivaram para a história, não são, por causas diversas, a expressão fiel do que valemos na modalidade.

Mário Simas, por exemplo, alcançou na úl-

tima época, em Coimbra, melhores tempos do que os dos campeões de Espanha: 1 m. 4s. 4/5 e 1 m. 13s. 2/10 nos 100 metros-livres e 100 metros-costas, respectivamente.

Por isso, tivemos o cuidado de anotar, também, os «records» de Portugal. E muito embora ninguém possa ter, de momento, opinião segura acerca da constancia de «forma» de Joaquim Baptista Pereira, não nos parece ouso afirmar que em condições normais—ou seja com Simas e Baptista em «forma»—num «match» entre os dois países peninsulares, triunfaríamos em todas as provas—à excepção dos 200 metros-bruços, pois, como é natural, não consideramos Silva Marques capaz de obter melhor resultado que os 3 m. 7s. 1/10 dos

campeonatos nacionais.

Qualitativamente, afirmamos—em consequência do valor de dois ou três nadadores apenas—valemos mais do que os nossos amigos espanhóis.

Quantitativamente, porém, o caso muda de figura—e muito... Nós dispomos, realmente, de um campeão de classe inconfundível, de mais um ou dois nadadores de valor—os mesmos que em 1940 bateram os melhores da Espanha—mas, em compensação, o segundo classificado da maioria das provas fica a per-

(Continua na página seguinte)

**S**INTRA, com todos os seus encantos naturais, que fizeram dela estância de turismo única no género, inspiradora de poetas e artistas, de Bernardim a Byron, histórica vila dos primeiros tempos da nacionalidade, com seu castelo medievo e seu palácio de pedras enegrecidas — tem, como não podia deixar de ser, uma colectividade desportiva — que se tornou, em curtíssimo lapso de tempo, num dos seus melhores meios de propagação: o Hockey Clube de Sintra.

Examinámos há pouco tempo, *in loco*, como vive e como trabalha o Hockey Clube, soubemos o que a agremiação já fez o que faz, e o que pensa fazer. E os sintrenses receberam-nos como é seu timbre — com verdadeira fidelidade.

\*

O velho carro eléctrico, que fez os encantos dos nossos avós, deixa-nos mesmo à porta da sede do Hockey de Sintra, em pleno centro da vila. Ocupa todo o edifício e foi inaugurada quando das festas comemorativas do IV aniversário da colectividade, pelo presidente da Câmara Municipal, apresentando agradável e acolhedor aspecto.

Em baixo um amplo salão, onde funcionam o «bar» e os bilhares. No primeiro andar, o gabinete da direcção, salas de jogos e de «tennis» de mesa e a sala de leitura, onde será instalada a biblioteca.

Amavelmente, acompanhou-nos na nossa visita o sr. Manuel Cunha, dedicado presidente do Hockey Clube de Sintra, que nos prestou todos os esclarecimentos.

Enquanto percorríamos as instalações do clube — ouviamos:

— Em quatro anos de laboriosa existência — começou por nos dizer o sr. Manuel Cunha — o Hockey Clube de Sintra conseguiu guindar-se ao primeiro plano do desporto português, na modalidade que constitui a sua razão de ser — o «hockey» patinado. Pela primeira vez uma agremiação sintrense participou — e com brilhantismo, diga-se de passagem — num campeonato de Portugal.

«Tal milagre, que assim pode classificar-se sem favor, deve-se unicamente ao facto, difícil na sua aparente simplicidade, de em torno da bandeira do Hockey Clube de Sintra se terem reunido todos os sintrenses simpatizantes do desporto, de todas as categorias sociais, de todos os bairros — da Estefânia a S. Pedro. Nessa coesão, nessa perfeita e absoluta comunhão de ideias e de ideais, está o segredo da vitória do Clube. Por isso, neste momento é-me grato recordar os nomes de alguns dos seus fundadores: Consiglieri Martins, Artur Talagão, Francisco Gonçalves, Fernando Cunha, Rui Cunha, Noel Cunha, Carlos Dias Fer-

# O Hockey Clube de Sintra e a sua obra — segundo Manuel Cunha actual presidente da direcção

reira, Rodrigo Melo Deniz e José Lima Simões, que encontraram no administrador do concelho, sr. Mário Ferreira de Lima, o mais franco e decidido apoio.

## A actividade desportiva

Nos seus quatro anos de existência, a actividade desportiva do Hockey Clube de Sintra tem-se circunscrito ao «hockey» patinado, modalidade em que os portugueses, por mais de uma vez, mostraram já fora as suas inegáveis qualidades — e na qual os sintrenses atingiram já craveira apreciação, constituindo sem favor dos melhores elencos nacionais. Arquívem-se os nomes dos componentes do grupo principal: Carlos Carvalho, José Pires, Cipriano Santos, Vasco Velez e António Raio.

Na segunda categoria, há igualmente rapazes cheios de qualidades: José Magalhães, Jorge Romero, Edgar Bragança, Jaime Cardoso e Valadas Costa — produto quasi todos do trabalho de Artur Gomes, seu competente treinador — e dispostos a manter no futuro o prestígio da colectividade.

Todavia, o Hockey Clube de Sintra pensa alargar o âmbito das suas actividades desportivas. Vejamos o que a esse respeito nos diz ainda o sr. Manuel Cunha.

— Tencionamos, realmente, introduzir mais modalidades no clube. Dentro desta ordem de ideias, criámos a secção de tiro e organizámos a prova «António Carvalho Monteiro», que alcançou belo êxito. João Baptista, Joaquim dos Santos e Delfim Reis, dedicados directores desta secção, trabalham incansavelmente pelo

seu desenvolvimento. E logo que as circunstâncias no-lo permitam, passaremos a praticar o «hockey» em campo e o «tennis». A ginnástica, essa já existe dentro do clube. Está a cargo de Cipriano Santos, diplomado pelo L. N. E. F.

O sr. Manuel Cunha conclui:

— De momento, o grande problema do Hockey Clube de Sintra é o seu «rink» de patinagem, que já não pode satisfazer, de forma alguma, as necessidades do clube. A parte reservada aos espectadores necessita de urgente ampliação e a construção das bancadas impõe-se. Digo-lhe, no entanto, e com prazer, que a Câmara Municipal — a quem o clube já deve especiais atenções — nos prometeu resolver este problema, de forma a que na próxima época as instalações do nosso «rink» já possam comportar toda a massa associativa — que já ronda o milhar. Está sendo elaborado o respectivo projecto — e os sintrenses confiam sinceramente...

A visita acabou e entrevista estava no fim. Os pontos capitais da actividade do Hockey Clube de Sintra haviam sido focados. O sr. Manuel Cunha, porém, quis ainda exprimir os seus agradecimentos a *Stadium*, pela ideia de trazer de novo a público o nome e o valor do clube a que tão dedicadamente preside.

ABREU TORRES

## A propósito de natação...

(Continuação da página anterior)

der de vista. Quantitativamente, não temos progredido. Ora é isso que se não verifica em Espanha.

Oferecemos a seguir, aos curiosos e aos entendidos, a lista dos melhores cinco classificados de cada prova dos campeonatos nacionais de Espanha, com os tempos regulares, homogêneos, num equilíbrio de valores digno de nota.

100 metros-livres — 1 m. 5 s. (Pera); 1 m. 5 s. 4/10 (Ferry); 1 m. 6 s. 9/10 (Beuster); 1 m. 7 s. 4/10 (Calamita); 1 m. 7 s. 6/10 (Bauluz).

400 metros-livres — 5 m. 33 s. (M. Martinez); 5 m. 37 s. (Ferry); 5 m. 37 s. 2/10 (Labay); 5 m. 48 s. 8/10 (J. Olo); 5 m. 51 s. 5/10 (A. Pons); 5 m. 52 s. 8/10 (J. Ponsaty).

1.500 metros-livres — 22 m. 13 s. 7/10 (M. Martinez); 23 m. 5 s. 6/10 (Labay); 23 m. 10 s. 8/10 (J. Olo); 23 m. 19 s. 2/10 (F. Florez); 23 m. 19 s. 9/10 (O. Massieu); 24 m. 44 s. 6/10 (Pratts).

100 metros-costas — 1 m. 13 s. 4/10 (Afonso Weller); 1 m. 13 s. 6/10 (Calamita); 1 m. 18 s. 8/10 (Vasquez); 1 m. 19 s. 6/10 (Piernavieja); 1 m. 21 s. 8/10 (Morales).

200 metros-brucos — 3 m. 5 s. 9/10 (M. Guerra); 3 m. 8 s. 2/10 (F. Rodriguez); 3 m. 8 s. 5/10 (E. Mordt); 3 m. 10 s. 6/10 (Parody); 3 m. 12 s. 6/10 (Cruadillello).

4 x 200 metros-livres — 10 m. 26 s. 8/10 (Equipa de Castela); 10 m. 31 s. 8/10 (Aragão); 10 m. 35 s. 5/10 (Canárias); 10 m. 56 s. 6/10 (Catalunha); 11 m. 3 s. 9/10 (Baleares).

Conclusão: Em Espanha há, realmente, e para cada prova, um núcleo homogêneo de nadadores com valor aproximado. Fiquemos, no entanto, a consolação de que na disputa para o primeiro posto — embora à primeira vista os nacionais de 1944 assim no-lo não indiquem — valemos mais que «nuestros hermanos».

Em quantidade — perdoem-nos repetir — não temos progredido.

Mas a geração que desponta é valorosa. Entre os iniciados e os principiantes há elementos de inegável valor. Confiamos.

A T.

H. VAULTIER & C.<sup>o</sup>

Máquinas e Acessórios para a Indústria

CASA FUNDADA EM 1897



○ sr. Director Geral Desportos escreve o autógrafo que publicamos

O esforço despêndido e oferecido ao leitor amigo, semana a semana, durante todo o ano, deu-nos o prémio da posição a que nos elevaram os milhares de leitores, que de oito em oito dias recebem o «Stadium», ainda de tintas frescas, a confirmar o afã dos últimos ho-

ras.

Em dois anos «Stadium» publicou cerca de 4.000 fotografias, documentando todos os acontecimentos que a vida desportiva nacional registou, ao mesmo tempo pelas suas 1.700 páginas espalharam-se vinte e um milhões de letras, traduzindo o pensamento dos seus colaboradores, ou anotando em crónicas, reportagens e notícias tudo o que o desporto nos forneceu como acontecimento e actividade. Mas, ao fim e ao cabo, pensando em todo este trabalho e movimento que dá origem à revista, qual será a opinião publica a nosso respeito? O que pensarão todos vós, leitores amigos, da «Stadium»?

Já vão decorridos dois anos; é de crer, portanto, que todos formaram já a sua opinião a nosso respeito, que é como quem diz, a respeito do jornal. Que censuras, elogios ou alvíres terão para nos dirigir?

A nossa boa fé e a amizade que dedicamos a todos quantos nos aguardam logo às primeiras horas das manhãs de cada quarta-feira, levou-nos a uma volta pela cidade, procurando no anonimato da multidão uma fase que servisse para este balanço da vida do nosso jornal.

O que pensa da «Stadium»?

Não é difícil, em Lisboa, mesmo com o seu já cerca de um milhão de habitantes, encontrar, por entre a actividade febril de um dia de trabalho, meia dúzia de opiniões acerca de como a revista tem cumprido o seu dever de publicação desportiva.

Pois foi essa a missão que nos coube, de surpresa, numa indicação subita quôsi, sem tempo para a preparação dos primeiros passos...

Começamos a nossa «viagem» por Lisboa à hora a que a cidade se prepara para mais um dia de labuta, em manhã de sol claro, a espelhar-se no Tejo e a inundar a cidade de alegria.

Lisboa enche-se de vida, de movimento, logo às primeiras horas da manhã — activa e gritante nos primeiros pregões, alegres e sédios, dos rapazes dos jornais.

O Século! O Notícias! Olha a Stadium!!... E' o despertar de Lisboa... E fomos para a reportagem.

O primeiro vendedor de jornais por que passámos forneceu-nos o apontamento de abertura: a compra da «Stadium».

O vendedor e o leitor, ali juntos!... Não podíamos perder a oportunidade — e acerbámo-nos resolutamente.

— Que pensam os meus amigos da «Stadium»?

# QUE PENSA DA

## Uma reportagem que podia ... mas cuja

NINGUÉM está contente com a sua sorte — diz o povo... Pois nós, os de «Stadium», também não estamos ainda satisfeitos com a nossa contribuição para a propaganda do desporto nacional. A dedicação e o entusiasmo com que todos cumprem o programa traçado no primeiro número desta nova série de «Stadium», está sempre latente no desejo de conseguir mais — e melhor.

Há nos elementos que compõem este bloco, que é a base do jornal, a satisfação do dever cumprido até onde as circunstâncias o permitem.

República  Portugal

Ministerio da Educação Nacional

Direcção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar

*Felicito a Stadium por os seus seus  
anos de labor  
A sua assaz na vida desportiva  
do Paiz tem sido notavel e espero  
que continuará a trabalhar pela  
propaganda do bom desporto de  
portugal*

*Landellmenting*



No Liceu de Cambes — apanhados de surpresa...



Fala o presidente do Benfica



O leitor — e o vendedor...

# STADIUM?

ter sido indiscreta...  
oportunidade se confirmou!!

da revista aos meus fregueses, que sempre a folheiam com interesse logo que a compram.

O nosso leitor «corta», sorridente, e converso:

— Há duas coisas que nunca deixo de fazer: ir ao futebol ao domingo e comprar a «Stadium» à quarta-feira. Gosto da revista, sim senhor. E pode dizer lá no jornal que a «malta» aprecia o critério sensato e imparcial com que tratam os assuntos do desporto. A vossa iniciativa das reportagens com as tricromias, que há tanto tempo não se faziam, foi «piroleira». Só é pena uma coisa... (lamos ouvir e primeira reclamação?)... que a revista não tenha mais páginas!

Afinal... era um elogio! Mais páginas... significa que gostam de ler o que por cá se publica.

O grupo desfez-se. Mas o nosso leitor, uns passos dados, diz-nos, para evitar errada interpretação.

— Olhe que eu sou do Belenenses. E daqueles fixes!...

Registámos e seguimos pela avenida Almirante Reis, onde pouco depois uma surpresa nos esperava.

Absolutamente interessado em folhear a nossa revista, um grupo simpático de raparigas iam a caminho do emprego.

O camarada fotógrafo mal teve tempo de fazer o oportuno instantâneo. Nós, «heroicamente», avançamos...

— Porque lêem a «Stadium»?

Ar de surpresa, mas imediata compreensão:

— Gostamos disto, do desporto. Temos cá as nossas preferências — e como a «Stadium» não falha com as suas belas fotografias, somos leitoras assíduas.

— Mas são quatro simpáticas a ler uma revista simpática! — aventámos, para prolongar a conversa.

— Constituímos esta «sociedade»...

— Que opinião têm acerca do que escrevemos?

— Sobretudo, apreciamos as crónicas de Anabela. Porque não as publicam mais frequentemente? Ficava assim como que um cantinho para as mulheres que se interessam pelo desporto...

— Praticam alguma modalidade desportiva?



Ovindo Paivê e Silva

— As portuguesas... não têm ainda muito jeito e feição para essas exhibições...

E foram-se à vida, brincando — nos com um amável sorriso.

Continuámos à procura dos que têm a «Stadium», como essa repeziata irrequieta que fomos encontrar no recreio do Liceu Camões.

O ambiente era de franco desportivismo. Um magote andava, entre exclamações de alegria, na disputa de uma bola; mas a um canto, outro grupo estava atento na apreciação da «Stadium» desse dia!

A presença do repórter e do fotógrafo causaram certa sensação. Num épice, vimo-nos rodeados de toda aquela estudentada, verdadeiros entusiastas do desporto e dos seus ídolos.

E disseram-nos tanta coisa, uns falando-nos dos seus clubes predilectos, outros pedindo-nos uma referência à actividade do seu Centro Escolar da M. P., terminando por apoteólicas vivas à «Stadium», que seámos do liceu verdadeiros camaradas daquela repeziata que lê a «Stadium»...

Continuámos a nossa peregrinação por Lisboa arquivando as opiniões de quantos lêem a nossa revista.

A manhã ia em meio e tivemos um agradável encontro: o dr. José Pontes, figura simpática e dinâmica que Lisboa tão bem conhece, o homem a quem o desporto em Portugal deve algumas das mais belas jornadas de propaganda.

Encontrar o dr. José Pontes é ter a certeza de receber uma amabilidade:

Compreendem que eramos do jornal. O amigo ardina é «tagarelo» e responde pronto:

— Vende-se e bem! Semana a semana estou a aumentar os meus pedidos de mais «papel». E oiço dizer muito bem que a compram.



Quatro gentis leitoras...

— A sua opinião, doutor, sobre a nossa revista?

— É uma excelente publicação! Posso desassombadamente afirmá-lo porque também tive organizações idênticas debaixo da minha responsabilidade e tenho ainda orgulho dos célebres primeiros «Sports Ilustrados». Recordo isto, dos meus tempos da mocidade, com emoção — e vejo com extremo contentamento, que vem da minha alma de propagandista e de amoroso das coisas do bom desporto, esta fase da «Stadium» — dirigida por Guilhermino de Matos, pelo distintíssimo cuidado de Avelar Machado e por vocês, que eu conheci e conheço com desejo de acertar! Interesse-me, é educativo e mental nas contendas que surgem, é noticiosa, bem feita e bem exposta gráficamente. Tem, em resumo, todas as condições necessárias para triunfar. De resto já triunfou no bom acolhimento e no coração dos que mais apaixonadamente vêem o problema da educação física em Portugal!

Pouco depois conversámos com o sr. Paiva e Silva, o dedicado e prestigioso presidente do Atlético, que nos brinda com a sua opinião:

— Sou, nesta nova fase da «Stadium», um leitor assíduo. Talvez porque tenho maior colaboração no desporto e porque dirijo um clube de ómni-gavel importância no desporto nacional. Além disso gosto da vossa revista

(Continua na pág. 30)



A opinião do dr. José Pontes



Ricardo Ornelas diz que...



No gabinete do dr. Berreire de Campos, presidente do Sporting

## O primeiro campeão judeu

## DANIEL MENDONÇA,

era filho de pais portugueses

Evocação de RAFAEL BARRADAS

No ano de 1758 deixava precipitadamente a cidade do Pôrto, e o seu negócio de vinhos, transferindo para Londres interesses e haveres, o cristão-novo Isaac Mendonça.

Levara muito tempo a decidir-se desde que o Marquês de Pombal, em setembro de 1756, publicou o alvará fundando a Companhia do Alto-Douro, monopólio da vinicultura e ruína dos pequenos mercadores.

Apesar de judeu pela religião, que só em aparência tinha rejeitado, sentia afecto sincero pela terra onde havia nascido e crescera, frutificando amizades, à semelhança do que sucedera com seus pais e avós. A política pombalina, porém, inflexível e impiedosa, aterrorizava-o e impelia-o, como a outros judeus, para a emigração.

Optaria pelo país dos nevoeiros, a Inglaterra, também país da liberdade individual e acolhedor benevolento dos foragidos e proscritos. Estabeleceu-se na Whitechapel Road, prosseguindo no comércio de bebidas alcoólicas, e no ano de 1763 nascia-lhe o primeiro filho, que batizou com o nome de Daniel — o herói desta crônica.

Em 1782 o velho Mendonça deixou o mundo dos vivos, sempre saudoso dos bons ares tripeiros, legando a esse filho o pesado encargo de sustentar e educar os irmãos e a restante família. Daniel optara pelo ofício de ferreiro, para o que eram precisos músculos e robustez a toda a prova.

A dificuldade que os anglosaxões manifestam em ler palavras estrangeiras obrigou o semita a alterar o apelido para Mendonça, único processo capaz de o ouvir pronunciar com alguma nitidez e justeza. Não faltaremos à verdade dizendo que Daniel subordinou às necessidades imperiosas da existência o orgulho pelo seu verdadeiro nome, que figura bem claro nesse registro metuculoso da vida pugilística da Grã-Bretanha que é o «Boxiana», de Pierce Egan, e com ele a sua ascendência retintamente lusitana...

No bairro de Whitechapel os pugilatos eram frequentes e travados a sóco. E os londrinos, habituados a ver tombar e desistir às primeiras manobras de punhos os mais robustos estrangeiros, admiravam Daniel, aquele pequeno *frenchy* — o costume fizera aleunhar assim todos os continentais, sem lhes distinguir o país de origem — que ora partia os dentes a um, ora cerrava a outro um dos olhos, mas caminhando para segura celebridade.

Em 1787 decidiu mudar de ofício e fundou uma academia, espécie de ginásio contíguo ao salão das bebidas, onde os fidalgos recebiam lições de esgrima, boxe e luta. Diga-se de passagem que, naquele tempo, imperava o snobismo mais exagerado na aristocracia britânica. Alguns *lords* mantinham a sódo verdadeiras equipas de corredores, pedestrianistas, pugilistas profissionais, etc., e apostavam nos êxitos dos seus homens como hoje se aposta nos cavalos e nos galgos de pista.

O Duque de Wharton, por exemplo, organizara um verdadeiro clube de andarilhos — no que fora imitado por Lord Diston. Certo dia, entre ambos, choveram desafios que terminaram na disputa de uma prova de *cross*, de quatro milhas, ao cabo das quais o Duque obteve o benefício de mil libras, depois de 18 minutos de competição.

Eram assim, aqueles tempos do clube Watier e dos *dandies*, do *farão* e de George Brummel...

No dia 3 de maio de 1786 o pugilista Ricardo Humphries, ou Humphreys, tornara-se o ídolo dos londrinos, por haver batido irresistivelmente Fight Jack Martin. Conquistara essa auréola perante a fina-flor da

gentry: o Príncipe de Galles — mais tarde proclamado rei sob o nome de Jorge IV, seu irmão, o Duque de York, e o bizarro Duque de Orleães, Filipe «Egualdade», que depois de votar a morte de Luis XVI, seu rei e primo, terminaria com a cabeça rolando pelo cadafalso, no dia 6 de novembro de 1793.

O protector de Humphreys, Lord Bradye, que vestia e sustentava o atleta, julgava-o invencível e exultava de contente. Mas alguém adivinhara quem podia ser o domador de tão terrível combatente — e esse foi precisamente Lord Diston, que tão mal sucedido fôra no conflito organizado com os corredores do Duque de Wharton. Daniel Mendonça não era talhado em hercules mas anunciava em todos os seus movimentos a graça e a agilidade da pantera. Conjugara-se assim a viveza do peninsular com a pujança do britânico — mais inglês pela sua aclimação que pelo nascimento.

O combate dediciu-se em Odham, condado de Hampshire, e levantou tanta fervura nos ânimos que o preço das entradas fixou-se em *meio-guineu*, quantia exorbitante para aquela época.

No dia da luta, o recinto trasbordava. Em vão os indivíduos encarregados do policiamento e disciplina do local, munidos de chicotes, procuravam manter a distância as fileiras da multidão mais chegada.

Assim que os dois pugilistas saltaram (conforme o costume) as cordas exteriores do quadrângulo e surgiram no «ring», a turba rompeu o cordão dos guardas e fez parede em volta da arena.

Humphreys entrara primeiro, muito *chic*, calçando meias de seda bordada a oiro e vestindo calções de flanela fina, estampada de cores garridas... Mendonça apresentou-se com mais modéstia e de crânio rapado, para impedir ao adversário as prisões de cabelo em que era tão hábil.

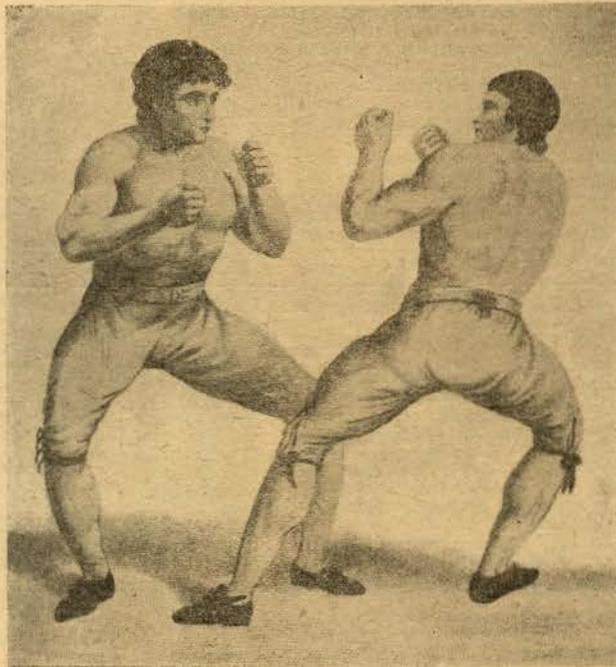
O primeiro sóco lançou-o o judeu — mas tomou de costas no solo por ter escorregado. Em seguida, furioso com o ridículo da posição, empenhou-se na batalha a fundo e a assistência presenciou a mais emocionante troca de golpes que era possível imaginar. Durante longos minutos, Humphreys procurou deter a fogaçidade do contrário, mas foi cedendo terreno a pouco e pouco e terminou por tombar completamente esvaído, como morto.

Durante o intervalo, os auxiliares de Humphreys fizeram impossíveis para reanimar o seu homem, sem o menor resultado. Quando o árbitro marcou o recomeço das hostilidades a multidão compreendeu que a vitória do judeu era inevitável e que só um milagre ou uma patifaria poderiam sustá-la.

Neste momento, Tom Johnson, que fazia as vezes de auxiliar principal de Humphreys, entrou deliberadamente entre os dois pugilistas e pôs-se a discutir com Mendonça sobre pretensas deslealdades que, no assalto anterior, lhe vira fazer. O público protestou e apoiou, conforme a sua conveniência, a atitude de Johnson — e o árbitro não conseguiu serenar os ânimos senão depois de alguns minutos...

Neste momento, Humphreys estava já reanimado, embora enfraquecido, e pôs-se a combater com a maior prudência, emquanto que Mendonça, excitado pela discussão e havendo percebido o lôgro em que caíra, lutava raivosamente e sem tino. Após alguns minutos dava já sinais de grande fadiga e desânimo, aceitando a derrota após 28 minutos e 54 segundos de batalha.

O público inglês não concordou com o resultado e houve quem se recusasse a receber a importância da aposta por considerar que o judeu fôra roubado. Algum tempo depois, toda a simpatia e admiração que



DANIEL MENDOÇA & RICHARD HUMPHREYS

*This Boxing Match took place at Doncaster Sep. 29<sup>th</sup> 1790 on a Twenty four foot Stage and was the third Public Contest between those two pugilists. It lasted for about an Hour & five Minutes and was decisive in favour of Mendonça.*

Gravura alusiva ao combate reproduzida de uma revista inglesa da época

# NARCISO DE AZEVEDO

inspirou-se nos Jogos da velha e imortal Grécia, dando-nos admiráveis sonetos

**H**A que tornar conhecidos do grande público todos os altos valores do desporto nacional. Por via de regra, no nosso país só os praticantes são conhecidos sobejamente — incensados até, quantas vezes, como autênticos ídolos... Já os dirigentes quasi não passam de illustres desconhecidos — eles, os grandes construtores da glória alheia — uma glória, é certo, as mais das vezes efêmera, fúgez como as rosas de Malherbe...

Os que vão buscar ao Desporto motivos para as suas obras de arte empareceiram perfeitamente com os dirigentes no que respeita ao anonimato... involuntário.

Afigura-se-nos de elementar justiça chamar a atenção das multidões para uns e para outros. Ídolos do desporto não devem ser considerados apenas os atletas — mas todos aquêles que os servem, de qualquer e decisivo modo, concorrendo para o seu engrandecimento. E, assim, resolvemos apresentar aos leitores da «Stadium» um poeta que honra o desporto. O poeta é Narciso de Azevedo — os jogos da Helada sagrada inspiraram-no magnificamente.

É provável, na realidade, que poucos leitores conheçam os sonetos admiráveis do dr. Narciso de Azevedo. É mesmo muito possível que a maioria nem sequer tenham ouvido falar no nome do poeta, de modéstia incomparável. Mas se o grande público não está familiarizado com o artista, os melhores camadas intelectuais admiram-no como poeta e como prosador de invulgar merecimento.

Sabe bem fazer justiça — e epelece, como desportista, dar a conhecer quem honra o desporto com a sua arte.

Os leitores, por seu turno, agradecerão certamente à «Stadium» haver-lhes revelado o nome de um poeta que foi buscar à vida superior da Grécia imortal alguns temas para os seus versos.

Os sonetos que publicamos são clamorosa afirmação de alta sensibilidade servida por invulgar cultura. Lamentável apenas que a míngua de espaço não consinta largas transcrições.

Quanto ao poeta, portuense de nascimento, melhor do que nós, e com autoridade que não a nossa, oul-os falam. Queiram ler e certifiquem-se se não fomos, na verdade, bem avaros nos elogios...

«Os seus versos são admiráveis de elevação e de técnica e pode afirmar-se, com entusiasmo, que o poeta de «A Cigarra de Theocrito» é dos melhores poetas da sua geração. Com entusiasmo e com justiça» (Paulo Freire, in «Os poetas portuenses — Antologia e notas»).

«Revelou sempre, em tôdas as suas produções, quer em prosa, quer em verso, um grande sentido crítico, que avulta, perfeitamente definido, no seu livro «Pedro Feudo — Tirou — Gesta da Gente Popular ou História e Lenda de um Portuense no século XIII», em que rejula, com despendio notável de raciocínios e larga cópia de documentos, uma lenda criada por Alexandre Herculano» (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira).

«O poeta illustre, o historiador-artista é sem sombra de dúvida um invulgar animador das messas anónimas, da errada miúda desse admirável e indomito povo portuense» (Mestre pintor Joaquim Lopes).

«Narciso de Azevedo, sendo um requintado, tem, talvez, dois similares na literatura portuguesa: Eugénio de Castro e António Patrício. Do primeiro é afim pela tendência de lavar amorosamente o estilo; pertence à família do segundo pelo mesmo motivo e ainda pelo poder de dramatização, pela beleza e propriedade do dialogar» (Octávio Sérgio, jornalista e artista portuense).

«Ilustre literato, pedagogo e bibliófilo» — lia-se em «O Primeiro de Janeiro», diário onde, posteriormente, e na primeira página, acompanhando o retrato do artista, se podia ler também: «Escritor culto, poeta primoroso e ensaísta de grande probidade, o dr. Narciso de Azevedo, nosso prezado colaborador, acaba de publicar, em volume, a brilhante conferência que proferiu, em 11 de Novembro findo, a convite da Liga de Profflexia Social, intitulada «Origens do Teatro Vicentino — Uma fonte comum do «Auto da Alma» e do «Fausto».

Como acabam de ver, não havíamos sido muito pródigos em encómios.

Narciso de Azevedo pertence efectivamente à nossa melhor estirpe intelectual, devendo considerarse-se também dos maiores helenistas portuenses de sempre. O facto do seu nome não andar gritado aos quatro ventos pouco importa. A crítica séria é que há-de julgar por fim — e não as abundosas irmandades do elogio-mútuuo.

Trabalhando infatigavelmente, Narciso de Azevedo podia escrever ainda hoje:

*Na minha arte — o jardim do meu exílio  
Canto o zagal e a fôrça dos atletas...  
Allegro Pan e as Ninfas predilectas,  
Lendô versos de Theocrito e Virgílio.*

Pois fomos agora arrancar o poeta ao seu isolamento, trazê-lo até ao seio das multidões desportivas, sempre prontas a aplaudir quem os sabe emocionar profundamente. Depois, já é tempo de popularizar efectivamente todos quantos

servem o desporto — não só por gratidão mas até por mero incentivo para aquêles que, efanosa e não raro heróicamente, trabalham pela glória do mesmo desporto — quer luto ao sol, nos estádios, quer morejem entre basildores, na afinação e funcionamento, digamos assim, da grande máquina que é já hoje a da cultura física.

Os artistas, inclusivé os homens de letras, serão sempre bem-vindos neste sector da vida nacional. Torna-se mesmo mister acarinhá-los poucos que já chegaram como estímulo para a aproximação de outros muitos.

Narciso de Azevedo é um nome a fixar pelos desportistas.

O Desporto é um dos grandes temas na Arte de amanhã...

JOÃO SARABANDO



NARCISO DE AZEVEDO

(Sanguínea do grande pintor que foi António Carneiro)

## Victoria plena

Num clamor sauda o povo: «Salvé, Cléobulo!»  
E triunfalmente nu surge um Athleta!  
É um formoso Príncipe de Creta,  
Que vem ganhar os louros de discobolo.

Ao ver aguias no céu, diz com nobreza:  
«Por Zeus de Olympia!» Destro e donairoso,  
No estádio lança o disco victorioso  
— Um assombro de Força e de Belleza!

«Iopæan!» grita o povo com loucura.  
O Heroi humildemente invoca Zeus  
E fala á sua noiva com ternura:

«Doce Aglauros, franzina como as dhalias,  
Aceita gracilmente os meus trophéus  
— O meu orgulho beija-te as sandalias!»

## A Hellada e os Barbaros

Em poema de aureos versos vou lembrar  
Um Athleta: Dioxippo, o Atheniense.  
Orgulho de alta Raça, o Helleno vence  
Um Macedonio em luta singular.

Envolto na armadura, com desvelo  
Traz o Barbaro o escudo, a lança e a setta.  
Brandindo a rude maça, o louro Athleta  
Combate nu com rosas no cabelo.

Vendo o Heroi pelejar sem armadura,  
Clamam velhos guerreiros: «Que loucura  
Se apoderou de vós, filho da Attica!»

«Prefiro a morte!» grita o moço ardidô  
«A occultar minha graça magestatal!»  
— Luta em belleza e o Barbaro é vencido!

## A quadriga de Hierão

Moços, erguendo ao ceu douradas settas,  
Cantam um hymno aos marmores da arena.  
É um pean!... Nas estatuas dos Athletas  
Sonha serenidade a raça hellena.

Aguias sagradas pairam nas alturas  
E Herois fitam o sol. Erram louvores...  
A luz de Apollo, ourando as esculturas,  
Vem coroar em Olympia os vencedoras.

«Uma quadriga!» — clama num momento  
A multidão. É um poeta de Agrigento  
Acorda numa ode a sua musa.

Entre estatuas de ephebos victoriosos  
Passam quatro cavallos vigorosos  
— E o povo aclama Hierão de Syracuse.

## Os "PRIMEIROS TEAMS"

MAIS ANTIGOS EM TRÊS GRANDES CLUBES NACIONAIS DE FUTEBOL

O futebol leva mais de meio século de prática e alguns dos melhores clubes portugueses da bola contam cerca de 40 anos. Há, pois, um passado de certo modo longo, que interessa reviver de quando em quando, pelo menos como preito de gratidão pelos jogadores que desbravaram o terreno da propaganda. E recordar jogadores, teams e clubes é fazer história desportiva, no bom sentido da palavra. É como que trazer os primeiros tempos de um clube ao contacto do público de agora. Façamos um ponto dessa história — pela imagem. Escolhemos, para o efeito, os clubes mais representativos da capital e o clube campeão do norte. Em Lisboa, o clube mais antigo, dos que andam na vida movimentada dos torneios, é o Sport Lisboa e Benfica.



O 1.º team da fundação do Futebol Clube do Porto (1906). — No primeiro plano, da esquerda para a direita: António Elisabeth de Mesquita, António Pinheiro e Mendes Correia. — No segundo plano, pela mesma ordem: Catião Gadda, Boada e António Martins. — No terceiro plano, pela mesma ordem: Freitas, Monteiro da Costa, Hardy, Araújo e José Bastos. — É de notar a diversidade de equipamento.

Fundou-se em 1904, com o título mais simples de Sport Lisboa, para reunir os elementos de Belém num clube com aspirações a marcar posição de relevo. Constituiu-se com jogadores da Casa Pia de Lisboa (alguns dos quais vinham do «team» famoso de 1898), jogadores do Belém Clube e alguns operários do Arsenal da Marinha residentes em Belém. As primeiras exhibições do popular clube fizeram-se numa altura em que não havia torneios. Era o tempo dos jogos por convite — e em reptos, com largos intervalos.

O Sport Lisboa entrou no primeiro torneio inter-clubes organizado em Portugal, para disputa do «Bronze Viuva Alexandre Sena», instituído pela antiga revista «Tiro & Sport». Trata-se da sua primeira representação de responsabilidade. Tomou parte na primeira eliminatória, contra o Lisbon Cricket Club, vencedor do bronze, perdendo com esse clube por 0-1. O «team» que representou o Sport Lisboa naquela prova tem história — dentro do clube e no futebol.

O 1.º team do Sport Lisboa no torneio para disputa do «Bronze Viuva Alexandre Sena» (1906). Cliché «Tiro & Sport». — No primeiro plano (sentados) da esquerda para a direita: Carlos França, António Rosa Rodrigues, Daniel Queiroz dos Santos, Cândido Rosa Rodrigues, e Silvestre José da Silva. — No segundo plano, pela mesma ordem: António Couto, Alvaro dos Santos, Emílio de Carvalho, Manuel Mora, Cosme Damião e Fortunato Levy. Ao lado, Mr. O' Connor, árbitro. — A camisola do Sport Lisboa era já encarnada, mas os vivos eram de outro recorte.



António Rosa Rodrigues e Carlos França. Cosme Damião fez neste grupo a sua estreia em primeiras categorias, embora como jogador suplente. Esta formação corresponde bastante à linha habitual do Sport Lisboa, após a sua fundação. Faltaram, porém, José da Cruz Viegas e David da Fonseca.

O outro clube lisboeta escolhido para esta evocação, Sportig Clube de Portugal, é um pouco mais moderno. Vem de 1906. Teve por base o Campo Grande Futebol Clube. A sua fundação obedeceu ao propósito de alargar a acção do Campo Grande, transformando-o num grande clube desportivo. Estreiu-se, em futebol, com uma segunda categoria, no dia 3 de Março de 1907, para disputa do primeiro torneio daquelas categorias, organizado pelo Clube Internacional de Futebol.

Data do mesmo ano, mas da temporada imediata — 907/908, a constituição do 1.º «team» nos «leões». É essa categoria de honra que figura na fotografia junta. Compunham-no Emílio de Carvalho; Henrique Costa e José da Cruz Viegas; Albano dos Santos, António Couto e António Bentes; António Rosa Rodrigues, Cândido Rosa Rodrigues, Daniel Queiroz dos Santos, Júlio Nobrega de Lima e João Bentes. A maior parte destes jogadores saiu do Sport Lisboa. Foi a primeira desistência que se registou naquele clube. Teve gravidade, mas passou.

O Futebol Clube Porto representa congnidamente a capital do norte. A sua (Continua na página 25)

O 1.º team do Sporting Clube de Portugal (1906). Cliché «Tiro & Sport». — No primeiro plano (sentados), da esquerda para a direita: António Rosa Rodrigues, Daniel Queiroz dos Santos, Cândido Rosa Rodrigues, Júlio Nobrega de Lima e João Bentes. — No segundo plano, pela mesma ordem: Albano dos Santos, Henrique Costa, Emílio de Carvalho, José da Cruz Viegas, António Bentes e António Couto. Entre Henrique Costa e Emílio, vê-se João Carvalho Personio, guardião do Sport Lisboa; e entre Viegas e António Bentes, está Mr. O' Connor, ex-célebre árbitro da época. — A equipa do Sporting era ainda completamente branca.



# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



**FUTEBOL:** 1 — O grupo de honra do Chelas F. C., novo campeão da 2.ª Divisão da A. F. L. O ANIVERSÁRIO DO C. I. F. — No banquete comemorativo: — 2 O ex-tenente-coronel Sacramento Monteiro profere o seu brinde; 3 — Pinto Bastos, prestigioso sócio do C. I. F., ao discursar. TIRO AOS POMBOS: 4 — António Vadeira, vencedor das taças "Clube Português de Tiro a chumbo" e "Atiradores Alentejanos". NO ESTORIL: 5 — A entrega das taças dos campeonatos da 2.ª divisão da A. F. L. de 1943-44, que o Estoril Praia ganhou em categorias de honra e reservas e no melhor conjunto. NO PORTO: As entidades que visitaram o porto náutico do Clube de Vela Atlântico.



## UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfalataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.ª tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confeccões de senhora em género "stailleur"! Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.ª maior perfeição e não paga luxo.



A MARCA  
QUE  
VOU USAR  
EM CHAPÉUS  
E BONÉS

**Chaves** de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-nhas? — mande fazer outras na

**CASA DAS CHAVES**

de

Amadeu Gomes de Fonseca

R. da Mouraria, 3 (frente ao Cinema) Tel. 2801

O GRANDE CAMPEONATO

# Ante a orientação de 2 grupos

## O que há a dizer do Benfica e do Sporting

**Uns concorrentes brilham**  
**Outros decaem...**

Crónica de TAVARES DA SILVA

A 3.ª jornada tinha pontos nevrálgicos para o Sporting, para a Vitória (Setúbal) e para o Olhanense. Trata-se de saber se os leões, vindo de ganhar o Campeonato de Lisboa, atravessam realmente uma crise séria. Se o Vitória (Setúbal) teria capacidade para dar a nota alta, mesmo fora do ambiente setubalense. Ainda se o Olhanense, no primeiro embate com um dos Grandes, continuaria a fazer estragos. Outros aspectos, aquilo que respeitava à Académica e ao Salgueiros, interessavam menos, parecendo até suficientemente esclarecidos.

O que sucede quanto a goals e pontos já todos o sabem. A 3.ª jornada conduzia aos seguintes resultados:

Sporting.....	0 —	Benfica .....	2
Estoril.....	3 —	Vitória (Setúbal). 1	
Olhanense.....	4 —	Belenenses .....	3
Vitória (Guimarães). 4 —	Académica.....	1	
Salgueiros.....	1 —	Pôrto.....	8

O valor das forças concorrentes ao Campeonato Nacional começa a surgir, iluminando-se. Rectificam-se notas e valores do 1.º e 2.º de trabalho, desaparecendo certos entusiasmos para darem lugar a concepções mais serenas.

A resposta aos três pontos com que abrimos esta crónica parece-nos ser esta:

O Sporting atravessa uma crise de forma e de orientação. Crise de forma revelada no abaixamento de jogadores, no desentendimento das suas partes componentes e no abalo produzido pela falta de um dos titulares. De orientação, pela insensatez manifestada do arranjo do *team* apresentado no Lamar, decisão que chega a complicar com a nossa sensibilidade, provando-se que, enquanto as coisas correm bem, tudo está certo, mas assim que surgem dificuldades, momento em que os orientadores se revelam, é preciso mais alguma coisa do que o conhecimento mediano do jogo e a intenção de querer fazer bem. Até onde chegará a desorientação sportingista?

O Vitória (Setúbal) não está colocado tão alto como se pensava a princípio. Prática futebol de boa escala. Agradável à vista. E isso é já alguma coisa, evidentemente. Todavia, em qualquer das duas saídas não conseguiu enriquecer a sua contagem. Sintoma que exprime vários sintomas. Isto não se dá por acaso. Significa que o grupo, em maré de aperfeiçoamento, ainda não adquiriu a experiência necessária, nam fundo para se impôr como *team* de domínio, um grupo acostumado naturalmente a vencer.

Quanto ao Olhanense pode dizer-se que, em Olhão, é muito difícil passar. Já não é mau, mesmo como interesse para a competição. Mas é ainda pouco. Um *team* verdadeiro tem de se acostumar a ganhar, umas vezes por outros, nos campos do adversário. A dúvida mantém-se neste capítulo em relação aos de Olhão. Lembra-nos que, antes do torneio começar, um algarvio, nosso amigo, nos dissera estar o Olhanense este ano a jogar pouco. Mesmo cá de longe vimos a questão, dizendo-lhe que, no jogo da bola, o adversário desempenha papel importante; que, por consequência, o Olhanense sabia. Assim aconteceu, de facto. Mas é lícito não entoar hossanas algarvias enquanto o grupo não sair do casulo.

Apreciando as forças concorrentes no seu estado actual, e pondo de lado a pontuação,

melhor, tirando da classificação geral o que lá está de são e deitando fora o que não presta, podemos afirmar conscienciosamente o seguinte:

Benfica e Pôrto são os mais adestrados, tudo fazendo prever o renascimento da velha rivalidade norte-sul, que tantos benefícios deu ao futebol português. Belenenses revela-se um sólido valor, dando a sensação de voar alto. Olhanense, Vitória (Setúbal) e Sporting são concorrentes valorosos, com intervenção séria no acontecimento, embora haja a descontar-se seus altos e baixos. Estoril vem a seguir, com boas perspectivas, e no seu trilhado seguem Vitória (Guimarães), Salgueiros e Académica, esta podendo apresentar em relação à derrota de Guimarães uma infinidade de falhas, mas que este ano parece estar na sua pior fase de jogo em referência às últimas épocas.

### Confuso jogo

por parte do Sporting  
numa orientação insensata

### Superioridade do Benfica em sensata orientação

Em competições, longas e duras, como as deste torneio, os jogadores sapientes desempenham um papel do mais alto relevo. Técnicos têm já dito, e parece que com uma pontinha de razão, que estes campeonatos são ganhos pelo clube que, fazendo parte do núcleo dos melhores, dispazer de sapientes

vezes com tal perícia que nem se dá por eles.

Aceitamos, no campo técnico, todas as substituições, mesmo as que se afastam de fórmulas consagradas, por obedecerem em regra a um determinado lito. No fundo, por terem justificação. Mas esta de ir buscar um homem, já findo, e ainda por cima retirado oficialmente, como Soeiro, por maior respeito que nos mereça o seu passado de jogador, para um pósto difícil nam encontro de responsabilidade, em que se jogava mais qualquer coisa do que um simples resultado, é decisão que excede todo o pensamento, pondo bem a claro a leveza e a incompetência de uma orientação.

Nunca vimos uma coisa assim. Por via daquele estranho fenómeno de substituição, todas as célicas do grupo foram remexidas, resultando um todo sem unidade, e ainda um jogo sem ideia de conjunto. No Sporting, desde a defesa à avançada, tudo foi confuso, e quase sempre desaguetado, o indicio mais claro do desacerto do grupo. Todo o jogo foi realizado aos repêlões. Pode afirmar-se que a linha dianteira não construiu uma jogada de combinação, com a bola de homem para homem. Tudo aos repêlões, de esforços individuais: Jesus Correia a correr, Soeiro não tocando na bola, Peyroteo insistindo individualmente, Canário perdido neste «mare magnum» de desentendimento e João Cruz no seu estranho processo de dar a sensação de estar em jogo, não jogando. O mesmo, mais atenuado, se poderia dizer de todas as outras linhas, salvando-se apenas a excelente tarefa de António Marques, um dos jogadores portugueses que melhor «chata». Em síntese: o Sporting não jogou mal. Jogou abaixo de toda a crítica. Dir-nos-ão que, mesmo assim, poderia ter feito melhor resultado. É evidente que, nam desafio de futebol, há sempre motivos para se concluir que o resultado poderia ter sido outro. Argumento sempre à mão: a falta de sorte...

O Benfica, julgamos este contraste singularmente expressivo, também se apresentou desalocado e nada mais nada menos do que em quatro postos (três, se quizermos). Procedeu, porém, nam emergência, com as maiores cautelas, procurando não desorganizar o conjunto, antes deixando subsistir o seu sistema de jogo. A verdade é que, não tendo produzido uma famosa exibição, quasi não se deu pelas substituições, pelo menos da linha média, inclusivé, para diante. No entanto, estavam lá dois elementos da reserva, e o médio-centro não era o experiente Albino, que pode jogar de olhos fechados.

De tudo o que já dissémos, é fácil de concluir que o Benfica jogou bem melhor do que o seu adversário, merecendo inteiramente o triunfo. Chegando, mesmo, a admirar como a vitória ainda custou tanto a alcançar. O que, por um lado, demonstra que de uma organização (Sporting) alguma coisa fica, mesmo quando desorganizada.

Ao jogo confuso e individualista do Sporting, com a bola no ar, pôs o Benfica o processo rasteiro da passagem triangular, resultando o seu futebol bem ardidado, e ainda com a alegria natural dos seus hábeis executantes, já que Arsénio se encontrava nam tarde felicíssima, dominando a bola sem esforço, passando excelentemente e concluindo com perícia. Não queremos dizer que o Benfica tenha jogado sem defeitos, ou então de forma perfeita. Pretendemos tão somente dar a ideia de que, ao futebol gasto e velho dos leões, responderam os benfiquenses com ardor e vivacidade, com energia e sangue.

Todos os rapazes do Benfica cumpriram o seu dever, atingindo a média razeável. Todos os componentes do Sporting procura-



com valor aproximado aos titulares. Mas não basta dispor desses jogadores de recurso, é também necessário a boa orientação nos remendos a aplicar nos *teams*, tantas vezes revelando valores. Remendos feitos às

ram cumprir o seu dever. Entre uns e outros há, portanto, uma sensível diferença...

Retratado o encontro nos seus traços essenciais, devemos dizer que o jogo foi duro, como o devem ser todas as partidas de futebol. O árbitro soube destriçar bem a dureza da violência, sendo pena que não tivesse visto um acto de João Cruz que merecia imediata expulsão. As faltas em jogo, isto é, na disputa da bola, são uma coisa. As que se praticam quando a bola já seguiu o seu curso, a coberto com a impunidade da não-vista do árbitro, devem ser formais e devidamente condenadas. Ao menos, pela crítica. É de insistir na arbitragem a favor do jogo duro consentido pelas regras. Que importa que o público grite quando um jogador corre para o guarda-rédes, na intenção clara de lhe dificultar os movimentos? É evidente que o avançado não tem de dizer ao guarda-rédes: *Poderá V. Ex.ª passar à vontade que, asseguro-lhe, ninguém fará mal a V. Ex.ª...*

## Uma partida cheia de beleza em todos os seus aspectos

O desafio do estádio Francisco Padinha teve fóros de grande acontecimento. As grandes assistências conquistam-se com bons grupos, seja onde for. É para haver bons *teams* pela provincia é necessário que a organização os meta nas provas.

O desafio valeu, sob todos os aspectos: pela sua movimentação, pela emoção e pela dureza com que foi disputado. Os adversários foram dignos um do outro.

O Olanense fez uma esplêndida exibição, que, transplantada, por exemplo, para Lisboa, provocaria grande êxito. Aqui é que está, mesmo, o fundo de uma questão já nunciada em nosso preâmbulo. A equipa conseguiu manter, no decurso dos noventa minutos, extraordinária velocidade, permitindo-lhe passar com grande facilidade da posição de defesa à ofensiva. Deve até dizer-se que semelhante rapidez chegou a surpreender o seu antagonista. Juntando a isso, os algarvios deram ainda mostras de jogo eficiente, obrigando a defesa contrária a trabalho de permanente acção.

O Belenenses não se deixou bater com facilidade. Defendendo-se e atacando, quando caso disso. De modo geral, equilibrando a partida. É preciso ter em conta que os lisboetas sofreram três bolas no período da lesão do seu defesa Feliciano, por queda desamparada. Ora, qualquer *team* sucumbiria em semelhantes circunstâncias, incapaz de se para a luta. Assim não aconteceu com o Belenenses, que teve ainda forças, na segunda parte, para chegar ao empate, num esforço supremo, dando o grande momento do encontro, aquele em que ambos os contendores, embora esgotados, reagiram em busca do triunfo, sendo os algarvios mais felizes.

Quanto ao aspecto técnico, a 2.ª parte foi inferior à primeira, o que facilmente se justifica. No entanto, teve sempre vibração e agrado de jogo.

## As vitórias do Estoril e do Pôrto. Como venceu o clube de Guimarães

O Vitória (Setúbal) decaía um pouco, neste encontro da Amoreira. Não por ter perdido. A derrota é, algumas vezes, um incidente em nada afectando o prestígio de um grupo. Mas pelo jogo desenvolvido, sem a graça e velocidade das suas primeiras exhibições.

De resto, não se justifica que os setubalenses não tivessem pôsto na luta a arma terrível que representa a rapidez de movimentos, visto o seu adversário ter dado, acidentalmente, no começo do jogo, uma feição de lentidão ao seu futebol.

Um clube, quanto mais sobe mais responsabilidades cria. Todos os encontros são difíceis, e todos têm o valor de dois pontos. Significa isto que o Vitória deverá aperfeiçoar o seu sistema, tendo em vista as qualidades próprias dos seus componentes.

Na Amoreira, o seu futebol lento e frio

permitia que o Estoril Praia, a braços com várias falhas, e importantes, tornasse sólida a sua defesa, logo em seguida fazendo funcionar devidamente a máquina de conjunto. O desfecho encontra-se, dêste modo, plenamente justificado.

No campo Agostinho Leça registou-se uma enchente memorável. Mas o jogo não correspondeu à expectativa. Pode dividir-se a partida em duas partes, mesmo quanto ao futebol produzido, que, por acaso, se identifica com os dois tempos regulamentares.

Um primeiro tempo em que o encontro agradou, fazendo o Salgueiros exhibição de razoável conjunto, à força de denodo e energia. Encontrando-se o campo enlameado, o Salgueiros, com a bola no ar, forçou boas combinações, vendo-se o Pôrto em dificuldades para aplicar o seu sistema de passes rasteiros e precisos. Uma segunda parte inteiramente diferente, em que o Salgueiros, tendo dado a sua máxima medida de esforço, se remeteu quasi que exclusivamente à defesa, permitindo o acesso a todo o momento do Futebol Clube do Pôrto, que teve a virtude de pôr à prova a excelente preparação física dos seus componentes. O Pôrto venceu, então, como quis e lhe apeteceu.

Teve escasso significado o êxito do Vitória (Guimarães) sobre a Académica, em virtude dêste ter apresentado um grupo muito diferente da sua formação habitual. No entanto, os estudantes jogaram com a vontade, o aprumo e o vigor que nunca os abandonam, nem nos momentos de crise de valor técnico. Praticaram, mesmo, um futebol alegre, vivo e moço. Simplesmente, encontraram um *team* já experiente, e dispondo duma defesa sólida e em boa tarde. Essa defesa deu confiança ao grupo de Guimarães, tornando possível a coesão do onze, que afirma a sua superioridade, não só dominando territorialmente como mostrando-se eficiente, e realizador no campo prático.

## Linhas, Arbitros, Goals

**Sporting:** Azevedo; Barrosa e Cardoso; A. Marques, Verissimo e Nogueira; Jesus, Soeiro, Peyroteo, Canário e J. Cruz.  
**Benfica:** Rosa; Gaspar e Cerqueira; J. Silva, Moreira e F. Ferreira; M. da Costa, Arsénio, Jllio, Teixeira e Rogério.

**Arbitro:** Domingos Godinho (Lisboa). Os goals do Benfica foram marcados por Jllio e Arsénio, aos 4 e 70 minutos.

**Olanense:** Abraão; Rodrigues e Nunes; João dos Santos, Grazina e Loulé; Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Emília.

**Belenenses:** Acácio; Vasco e Feliciano; Varela Marques, Gomes e Seralim; Mário Coelho, Eloi, Armando, Quaresma e Rafael.  
**Arbitro:** Evaristo Santos (Setúbal). Os goals do Olanense foram marcados por Moreira (2), Salvador e João dos Santos, respectivamente, aos 19, 24, 31 e 75 minutos. Do Belenenses, por Armando, Mário Coelho e Rafael, respectivamente, aos 16, 53 e 70 minutos.

**Estoril:** Nascimento; Alberto e Eloi; Oliveira, Nunes e J. Costa; Lourenço, Bravo, Petrak, Vieira e Raul Silva.

**Vitória (Setúbal):** Baptista; Montês e Armindo; Pacheco, Figueiredo e Luciano; Passos, Nunes, Rodrigues, Cardoso Pereira e Carlos Santos.

**Arbitro:** Vasco Ataíde (Coimbra). Os goals do Estoril foram obra de Bravo e Lourenço (2), respectivamente aos 21, 51 e 86 minutos. O do Vitória, de Rodrigues, aos 56 minutos.

**Salgueiros:** Bandeira; João e Jaime; Rebelo, Oliveira I e Nogueira; Renato, Alfredo, Toninho, Barros e Machado.

**Pôrto:** Barrigana; Alfredo e Gailhar; Anjos, Romão e Sárria; Franco, Aradjo, Lourenço, Pinga e Catolino.

**Arbitro:** Avelino Ribeiro (Pôrto). Marcaram pelo vencedor: Catolino, Aradjo, Catolino, Aradjo, Lourenço, Catolino (2) e Pinga, respectivamente aos 2, 56, 57, 63, 67, 81, 85

## II DIVISÃO DA A. F. L.

# O CHELAS é campeão

## Duas vitórias do Operário nas «inferiores»

COM o vencedor apurado havia uma semana, terminou no último domingo o Campeonato da II Divisão da A. F. L.

Os encontros da derradeira jornada, com pouca intensidade nas classificações dos concorrentes, agradaram, por essa mesma razão, reduzido interesse. Depois, pouca gente se atreveria a negar favoritismo aos clubes que jogavam nos seus campos...

Ao fim, as coisas não se passaram tal qual se previam. Se é certo que os Fósforos, os Olivais e o Futebol Benfica não desmentiram vaticínios, já o mesmo não se pode dizer do Chelas. A sua derrota constituiu surpresa e decepção, pois não era de admitir que o novo titular se deixasse bater pelo antepositivo da classificação. Tem destas coisas, o futebol...

A classificação final ficou assim ordenada:

1.º Chelas .....	56 pontos
2.º Fósforos .....	55 »
3.º Futebol Benfica .....	52 »
4.º Operário .....	50 »
5.º S. L. Olivais .....	28 »
6.º Sacavenense .....	27 »
7.º Casa Pia A. C. ....	20 »
8.º Marvilense .....	16 »

Se os jogos das categorias principais tiveram escasso interesse, tal não sucedeu em relação às categorias inferiores. O encontro de segundas, entre Fósforos e Operário, provocou grande expectativa. Que as forças eram niveladas prova-o resultado: um empate (3-3). Tanto bastou ao Operário para conquistar o título, que, junto ao de reservas, torna dignos de elogios os pupilos de Vitor Silva.

Nos jogos de domingo verificaram-se os seguintes resultados:

Fósforos-Operário .....	6-2
Futebol Benfica-Casa Pia A. C. ....	4-1
Olivais-Marvilense .....	2-1
Chelas-Sacavenense .....	2-4

Como se vê, pertenceu ao Fósforos o resultado mais expressivo da jornada. Para quem não assistia ao encontro, a diferença de quatro goals pode deixar transparecer certa superioridade — que de facto não existiu. Não fosse a pouco feliz exibição de Verissimo, a quem o afastamento por doença, durante algumas semanas, parece ter diminuído qualidades, e os marvilenses não teriam, certamente, logrado tal vantagem. O Fósforos só na segunda parte do desafio pôde evidenciar de modo concreto a sua superioridade.

O resultado obtido pelos benfiquenses pode considerar-se normal, tendo em vista as possibilidades reveladas por cada um dos contendores no decurso do campeonato.

O Marvilense confirmou a sua melhoria no declinar da prova. Perder com o Olivais, no campo dêste, pela diferença mínima — não deslustra. Outras equipas com mais pretensões regressaram do campo «Alvaro Gaspar» com derrotas mais pesadas. Os visitantes, reduzidos a 10 unidades durante quasi todo o desafio, só cederam após o intervalo, sem que o seu comportamento deixasse de ser meritório.

O Sacavenense fechou com chave de ouro. Venceu o campeão e isso pode constituir merecida recompensa para a sua perseverança e entusiasmo. O resultado revela a irregularidade da equipa. Para os chelenses é de desagradável impressão este desfecho. Deixa supor falta de interesse logo após a conquista de um título que, como todos os outros, acarreta responsabilidades. Também pode ser consequência de excessiva confiança. Mas, ainda assim, o Chelas não tem desculpa — tantos têm sido os exemplos.

## CASA DO CHUMBO

TORNEIRAS  
LOUÇA SANITÁRIA

## António Carlos

Rua da Boa Vista, 184

Telefona P. B. X. 60371

L I S B O A

e 86 minutos. Pelo vencido, Rebelo, aos 69 minutos.

**Vitória (Guimarães):** Machado; Curado e João; Zeferino, Garcia e José Maria; Lagrera, Miguel, Brioso, Alcino e Arlindo.

**Académica:** Soares; Poqinha e Mário Reis; Faustino, Oliveira e Correla; Veiga, Taborda, Joaquim João, Nana e Braz.

**Arbitro:** Correia da Costa (Pôrto). Fizeram os goals do Vitória: Zeferino, Arlindo, Brioso, respectivamente aos 42, 52 e 62 minutos, e Mário Reis, da Académica, o quarto goal a favor do Guimarães, aos 79 minutos. O ponto de honra dos estudantes foi obtido por Braz, aos 59 minutos de jogo.

Um Peyroteo no ultimo instante. Repare-se onde foi parar Soeiro...



Antes que cheguem Nogueira ou Cardoso, Manuel da Costa centra



Teixeira ganha na luta com António Marques



# FINALMENTE a desforra do BENFICA!

Gaspar Pinto e Peyroteo saltam à bola, que o primeiro devolveu para longe



Uma fase a meio campo. Enquanto Peyroteo se antecipa a Gaspar, Teixeira, João Silva e Soeiro estão em guarda...



Como entrou o 2.º goals do Benfica, feito por Manuel da Costa, que não aparece na fotografia. Azevedo, impotente para desfender a recarga, fica no solo. Cardoso, também no chão, e Barrosa mostram uma atitude de desânimo. Mas Julinho, o autor do centro, dá largas à sua alegria!



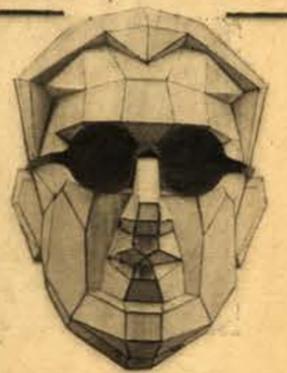
Um «sprints» entre Julinho e Cardoso... Azevedo, porém, entrou a tempo — e a corrida perdeu-se...



Boa entrada de Rosa para arrebatado a bola. Jesus Correia Francisco Ferreira segue esférico



Rosa mergulha corajosamente para anular um «tro» de Peyroteo



**POUPE A SUA VISTA!**  
Use só lentes de 1.ª qualidade

Binóculos, Barómetros.  
Bússolas de marcha, etc.

Casa especializada — Fundada em 186

**GIL OCULISTA**

TELEFONE 2 2829 — 138, Rua do Prato, 14

VAl entrar a «Stadium» no 3.º ano de publicação.

Lutando com dificuldades resultantes do momento difícil que se atravessa e firmada a sua posição no jornalismo desportivo português, a nossa revista entra confiadamente noutra ano, que será uma nova caminhada de labor em prol do desporto nacional.

De entre tantas terras do País onde a «Stadium» entrou com o pé direito», como se usa dizer, a cidade do Porto tem sido, sem dúvida, das que mais interesse tem demonstrado pela nossa revista.

Habitou-se a lê-la, adaptou-se à maneira leal como se expõem as razões e os porquês das coisas, afirmou a sua simpatia merecida por quem está no desporto por bem e recebeu como boas e sinceras as críticas feitas.

E foi assim, através de uma acção estruturalmente exemplar, que a «Stadium» atingiu dois anos de publicação com a plena consciência de ter procurado cumprir aquilo a que se impôs.

É o burgo tripeiro o fobre de bons elementos desportivos. Dentro dos seus muros há figuras de verdadeira representação, elementos cujo trabalho se projecta muito para além da cidade.

Por intermédio precisamente desses elementos, tivemos, há pouco, o grato prazer de conhecer quanto a nossa revista é querida dos portugueses. Durante a visita do sr. Director Geral de Desportos nós ouvimos em toda a parte um câno permanente de aplausos à obra que a «Stadium» tem realizado. Escutámo-lo com desvanecimento e com alegria, porque representa uma vitória incontestável.

Nós, dos mais modestos obreiros desta obra grandiosa, rememoremos eternizados estes dois anos de trabalho, guardando para os portugueses que nos têm acompanhado neste cruzado uma simples palavra, lacónica mas expressiva: Obrigados!

MARIO AFONSO



A actual equipa de «tennis» de mesa da A. C. M., junto dos trofeus que conquistou.

# Stadium

na Capital do Norte

A PROPÓSITO DE UM ANIVERSÁRIO

## A Associação Cristã da Mocidade

e a sua obra em 50 anos

A Associação Cristã da Mocidade do Porto, a mais antiga da Península Ibérica, celebrou em 1 de Dezembro este ano as suas «bodas de ouro», o que significa cinquenta anos de trabalho e de esforço a favor da juventude da nossa terra: A sua acção, manifestada nos mais variados ramos da actividade humana, toma especial relevo na da educação física e desportos, onde a A. C. M. tem desenvolvido labuta de elevado merecimento.

O movimento das Associações Cristãs da Mocidade chegou ao Porto mercê do entusiasmo e prodigiosa actividade do professor Dr. Alfredo da Silva que, ao tempo ainda jóvem e auxiliado por outros académicos seus condiscipulos, se lembrou de o criar entre os portugueses.

Esse punhado de jóvens, dirigido pelo académico dr. Alfredo da Silva, sócio n.º 1 e coluna de apoio do movimento *acemista* em Portugal, e constituído pelo dr. José António Fernandes, eng. José Vasconcelos Lima Júnior, prof. Borel, rev. Santos Figueiredo e pelos empregados do comércio Rodrigues Paula, que foi o primeiro secretário A. C. M., José Ventura, irmãos Moreton e o funcionário público Vitorino Miranda — verdadeiramente entusiasmado, não se poupou a sacrificios e daí toda essa actividade febril de aulas, conferências, excursões e gymnástica, com o triplo fim do desenvolvimento físico, intelectual e moral da mocidade portuguesa.

Verifica-se, pois, que a A. C. M. foi sempre orientada no propósito de servir os portugueses em todas

as suas actividades — e este propósito tem sido amplamente cumprido, como o demonstram, actualmente, os seus cursos de línguas, de música e de comércio; os seus cursos de gymnástica, de natação e de desportos; e o seu grupo de ecutismo.

Saliente-se, porém, nesta prodigiosa obra de 50 anos, o impulso forte que a A. C. M. deu ao desporto nacional, valorizando-o com a introdução e vulgarização de três das mais salutares modalidades: «basketball», «volleyball» e «tennis» de mesa. Foi, na verdade, no gymnásio desta magnífica agremiação que Portugal viu, pela primeira vez, a prática daqueles jogos. Depois, os *acemistas* trouxeram-nos até aos clubes, divulgando as suas regras e estimulando a sua prática.

Pode dizer-se que a A. C. M. foi das iniciadoras mais eficazes do grande movimento em prol da educação física. O seu alvo principal tem sido sempre o de proporcionar à mocidade os meios de se manter com saúde e vigor. Hoje, como ontem, o seu gymnásio e balneário, sob a competente vigilância do director técnico, sr. António de Brito Júnior, muito contribuem para que tal fim se consiga.

Resumindo: na história do desporto nacional, a A. C. M. tem escritas — e continuará a escrever — magníficas páginas, que atestam a sua persistência e actividade e uma valiosa acção em favor da Causa.

### PUGILISMO

#### A última sessão no Palácio não agradou

No louvável intuito de movimentar o «box» português — modalidade que entre nós tem vivido no mais completo marasmo — a Sala Central, de Lisboa, tomou a simpática e arrojada iniciativa de levar a efeito, na nave do Palácio de Cristal, uma série de organizações, destinadas a fazer reviver o gosto dos nossos desportistas pela «nobre arte». Isto é, antes de promover a realização de «cartazes» de custo elevado, e servindo-se daqueles pugilistas que embora jovens têm demonstrado já qualidades para proporcionar um espectáculo movimentado e agradável, a Sala Central procurou, em primeiro lugar, ganhar a confiança do público. E diga-se que o conseguiu com as suas duas primeiras organizações, presenciadas por número razoável de entusiastas. Na verdade os programas haviam sido escolhidos dentro

## A figura da semana

Mário de Carvalho

Quando, em hora feliz, o Estado resolveu dar ao Desporto Nacional a orientação necessária e a colaboração precisa, no objectivo salutar de coordenar os esforços e as iniciativas particulares — que até então, com tódas as virtudes e com todos os defeitos, movimentavam a actividade física dos portugueses — houve a preocupação de colocar nos lugares de «comando» do organismo oficial criado aqueles homens que no desporto tinham dado já provas de competência e de dedicação.

Isto é o Estado, reconhecendo o valor da obra construída pelos organismos particulares, e reconhecendo também a justiça e a necessidade de cuidar dela — porque dela dependia também o futuro do povo português, não deixou à margem ou no esquecimento os homens que durante tanto tempo lutaram, sob vários aspectos, pelo progresso do Ideal Desportivo. Foi uma homenagem — e foi uma exuberante demonstração de confiança, que se prova hoje ter sido merecida!

Dentro desse critério, pois, e ao criar-se a Direcção Geral de Desportos, as suas delegações — que são, em termos, as unidades que, em cada região, melhor «folha de serviços» pelo desporto apresentavam.

No Porto, o nome de Mário de Carvalho foi escolhido para tão espinhosa missão. Tinha-se uma vez mais prestado justiça.

Como praticante, primeiro, Mário de Carvalho soube fazer-se notar pelo seu desportivismo, correção e lealdade. Vimo-lo em relevo no «basketball», no atletismo, no «rugby», no «tennis» e no «chey» em campo, modalidades a que deu concurso, durante alguns anos, com brilhantismo e pouco vulgar. Depois, o seu clube — o Académico — reconheceu nele magníficas qualidades de dirigente — e não se enganou. Mário de Carvalho, apaixonado sincero pelo desporto, dinâmico, espírito são e honesto, ao subir às cadeiras directivas, confirmou em absoluto a nossa opinião: tinha sido designada nas suas qualidades.

Como director do Académico, da Associação de Futebol do Porto e de muitos outros organismos, Mário de Carvalho soube distinguir-se e marcar posição de relevo. Por tudo isto, a sua nomeação para o alto cargo de delegado no Porto da Direcção Geral de Desportos estava indicada — e todos os desportistas portugueses a aplaudiram.

Se a sua acção como praticante e como dirigente de organismos particulares mereceu sempre a melhor simpatia, como delegado da Direcção Geral de Desportos tem atingido trajecto de verdadeiro valor. Não é preciso que nos refermos a factos mais ou menos conhecidos do público. Basta lembrar o que foi a sua actividade durante a re ente visita a esta cidade do sr. Director Geral de Desportos, mercê da qual a cidade do Porto recebeu com fidelidade os seus altos representantes do Desporto Nacional.

Estão bem entregues a Mário de Carvalho — «gentleman» e diplomata — os destinos do desporto português. Todos os desportistas o sentem e não confiam, prestando-lhe, como lhe prestam, a sua colaboração.

de bom critério e as lutas decorreram sempre animadas e co equilibrio. Quando se julgava, porém, que a Sala Central iria, segundo o princípio estabelecido, melhorar a pouco o pouco o nível técnico das suas organizações — e o público português estava a conduzir-se de maneira a merecer bons espectáculos — aconteceu precisamente o contrário... E no Palácio, a terceira organização da Sala Central foi uma estrizeza!

Apontamos o facto — nada mais. Qualquer comentário não levaria ensinamentos aos organizadores, que sabem da matéria... Por isso nos ficamos por aqui, certos de que no futuro a Sala Central voltará a cuidar dos seus programas e da propaganda do pugilismo no Norte. Assim seja...

IDEAL RÁDIO, L. DA Gravação de discos!  
Grave a sua voz em disco inquebrável por Esc. 30\$00, mínimo!  
Rua Alferes Malheiro, 147 — PÓRTO — Telefone 5861

As organizações da «Stadium» em favor do desporto portuense

## O regulamento do torneio de «VOLLEYBALL»

ao vencedor do qual será atribuída a taça «Dr. SALAZAR CARREIRA»

**A** série de organizações que a nossa revista projecta levar a efeito em 1945, no sentido de movimentar o desporto portuense em geral, e duas das mais salutar modalidades em especial — atletismo e «volley», terá a sua abertura, como se tem dito, com uma prova de «curta-mato, marcada para 7 de Janeiro. Logo a seguir, porém, teremos o torneio de «volley», a disputar na última semana do mesmo mês de Janeiro e nas duas primeiras de Fevereiro.

Durante vinte dias, pois, o «volley» portuense, mercê da iniciativa da STADIUM, irá viver horas de franco entusiasmo e de vibrante animação. E é possível fazer-se já esta afirmativa visto saber-se garantida a inscrição de mais de duas dezenas de equipas — número nunca atingido, entre nós, em organizações desta natureza!

Tudo se conjuga, portanto, para que a nossa iniciativa alcance o mais completo êxito, o que quer dizer que os nossos esforços irão ser compensados. F. C. do Porto, Centro Universitário, Sport, Portuense de Desporto, S. Roque da Lameira, Vilanovense, Académico, Sporting e Académica de Espinho, Amaran e Desportivo da Foz, já nos garantiram as suas inscrições — e todas elas com mais de duas equipas.

O regulamento do torneio já está elaborado. Para isso, o nosso camarada Eduardo Soares conferenciou, na última semana, com os membros da Comissão Administrativa da respectiva Associação Regional, Aquilino Monteiro, Luis de Carvalho e António Nascimento, os quais prontamente nos prestaram a sua valiosa colaboração.

Fazemos hoje a publicação do referido regulamento. O torneio — note-se — será disputado por eliminatórias (sistema «Taça de Portugal», em futebol).

### O Regulamento

**Artigo 1.º** — A revista STADIUM promove um torneio de «Volley», que será regido pelo presente regulamento. Nos casos omissos recorrer-se-á ao Regulamento Geral da Associação Portuense de «Volleyball».

**Artigo 2.º** — Ao torneio só poderão concorrer os clubes filiados na A. P. V., e estes só poderão alinhar com jogadores devidamente legalizados perante os organismos competentes.

**Artigo 3.º** — Permite-se que cada clube inscreva um número ilimitado de equipas, designadas por A, B, C, etc. Não haverá, porém, distinção de categorias.

**Artigo 4.º** — Os jogadores ilicitos numa determinada equipa não poderão alinhar em qualquer outra, mesmo depois que a sua tenha sofrido eliminação.

**Artigo 5.º** — No decorrer do torneio são permitidas inscrições de novos jogadores, as quais poderão ser feitas até meia hora antes do início de qualquer jogo.

**Artigo 6.º** — O torneio será disputado por eliminatórias, em duas mãos, com excepção da final, que compreenderá uma única. As eliminatórias serão organizadas por sorteio.

**§ único.** — No caso do número de equipas concorrentes ser ímpar, o sorteio dará a uma delas a vantagem de ser apurada para a eliminatória seguinte sem efectuar jogos.

**Artigo 7.º** — Ficará apurada a equipa que vencer as duas mãos.

**§ 1.º** — No caso de vitórias alternadas, apurar-se-á a equipa que teve a seu favor maior número de partidas no decorrer das duas mãos.

**§ 2.º** — Se mesmo assim ainda se registar empate, o vencedor será apurado pela contagem total de pontos obtidos nas duas mãos.

**§ 3.º** — Se novo empate se registar, recorrer-se-á então à disputa de um único jogo.

**Artigo 8.º** — A falta de comparência de uma equipa acarretará a sua imediata desclassificação.

**Artigo 9.º** — A inscrição para este torneio é absolutamente gratuita.

**Artigo 10.º** — Ao vencedor da final será conferida a taça «Dr. Salazar Carreira». Aos componentes das duas equipas finalistas serão distribuídas medalhas.

**Artigo 11.º** — O torneio deverá ter o seu início na segunda quinzena de Janeiro de 1945.

**Artigo 12.º** — O prazo da inscrição de clubes e de equipas irá de 6 a 15 de Janeiro, em local a anunciar.

**Artigo 13.º** — Os locais dos jogos serão determinados pelo delegado da revista STADIUM.

**Artigo 14.º** — A inscrição de cada equipa deve ser acompanhada da indicação de um nome para arbitragem.

## NOTAS DA SEMANA

### O Ermezinho reforça as hostes...

Com o regresso de Mário, seu antigo jogador, o Ermezinho está a preparar-se para poder ocupar condignamente o título que tem à vista, e que tanto ambiciona: o de campeão da 3.ª divisão. Conta talvez ainda com o concurso de outro elemento, jogador de bons recursos, para assumir um dos postos da defesa.

O popular clube dos arr baldes do Porto sente-se animado do forte desejo de entrar na 2.ª divisão regional.

### Árbitros de futebol para a «Mocidade Portuguesa»

Por intermédio do conhecido desportista Ricardo Cardoso, dirigente e orientador das modalidades desportivas da «M. P.» na divisão do Douro Litoral, foram inscritos na Escola de Árbitros da Comissão Distrital do Porto umas dezenas de filiados, afim de obterem a preparação para dirigirem encontros.

Assim a «Mocidade Portuguesa» disporá de árbitros seus. Esta medida teve entre os filiados da «M. P.» o melhor acolhimento e o mais franco aplauso.

### O Guifões vai à I Divisão Nacional do «basket»?

Os guifonenses batalham ardentemente para assegurarem o segundo posto da classificação geral do campeonato, lugar que lhes permitirá entrar na 1.ª Divisão nacional.

Assim parece, depois que o Guifões bateu o F. C. do Porto no campo deste, num jogo que foi presenciado por grande multidão. A 2.ª volta apresenta-se, portanto, erigida de dificuldades para os «azul-brancos».

## Dois anos de trabalho

(Continúa na pág. 23)

3.º Inauguração da pista de cimento no campo do Sporting Clube de Portugal, com 383 votos.

Quanto a atletas:

1.º Mário Simas, natação, com..... 1198 votos.

2.º Adolfo Mourão, futebol, com..... 525 votos.

3.º Nogueira Cardoso (Pima), «basketball», com 351 votos.

### O «goal» da vitória!

Primeiro concurso organizado na segunda série da «Stadium». Era de execução fácil e tinha bons prémios. Assentava no palpite sobre quem marcaria o «goal» da vitória, em cada desafio ganho no campeonato de Portugal da I Divisão. E o palpite é coisa que está nos hábitos de muita gente... O palpite — e a aposta. E um novo interesse, criava à margem de qualq. er prova.

Além dos prémios para os leitores do jornal (um de 6.000\$00, outro de 1.000\$00 e um de 500\$00, para cada jogo, e 10.000\$00 para o conjunto de todo o campeonato), havia um de 100\$00 para cada jogador que marcava o «goal» da vitória.

Os prémios conferidos atingiram a verba global de 62.200\$00, assim desdobrada: 3 prémios de 6.000\$00; 17 de 1.000\$00; 18 de 500\$00; 82 de 100\$00 e 1 de 10.000\$00

O número de premiados consta de seguinte nota: 10 para 1.º prémio, 893 para 2.º prémio e 18.982 para terceiros.

Não foram reclamados prémios no valor de 1.554\$00, importância que a direcção da «Stadium» resolveu entregar ao «Diário Popular», nosso prezado colega, a favor da «Casa dos Vendedores de Jornais», interessante e oportuna iniciativa daquele periódico.

### As grandes reportagens gráficas

Trata-se da nossa iniciativa mais recente. Data, apenas, do último período de «defesas» do futebol. Foi uma série de trabalhos sobre os clubes que mais se distinguiram nos torneios oficiais de futebol. Em dezasseis semanas, falámos de cada um deles, incluindo, em cada reportagem, uma excelente tricromia do respectivo «onze» de honra, uma evocação histórica da fundação, um relato circunstanciado da sua vida actual e uma entrevista ou considerações sobre os projectos e futuro da colectividade.

Esgotaram-se vários números e estamos fazendo ou completando a sua reimpressão. Para concluir esta série de trabalhos de grande reportagem gráfica, começaram já a entregar-se as respectivas capas artísticas, para encadernação.

O REDACTOR DO ARQUIVO

## FLECHA

a melhor bicicleta



Alguns dos gymnistas da A. C. M., com o respectivo professor, sr. António de Brito Júnior

Todos os meses se vendem

**PRÉMIOS GRANDES**  
no feliz cambista

**João Cândido da Silva**

**104, Rua da Prata, 106**

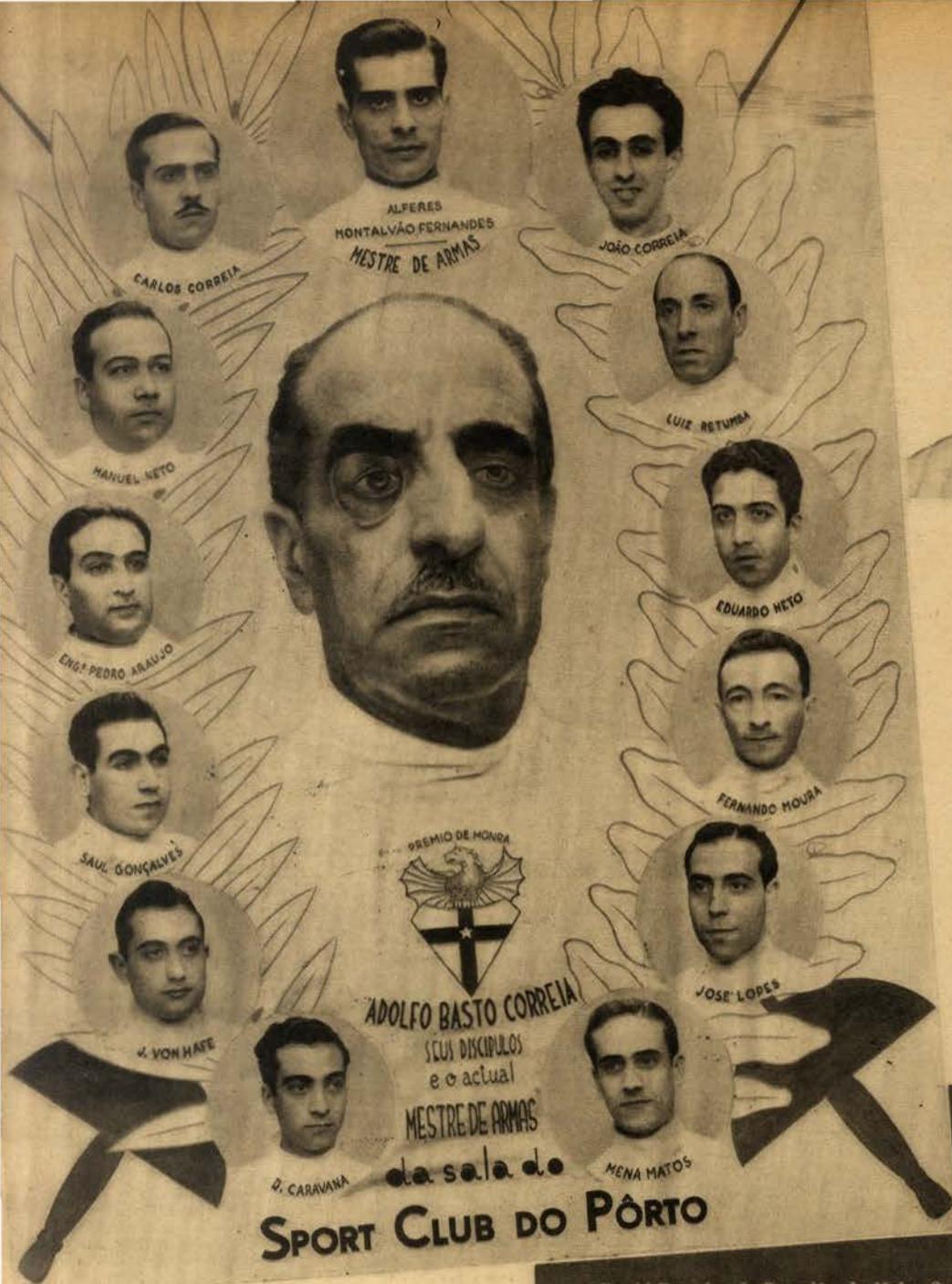
Só devem comprar jogo  
nesta afortunada casa

**ACADEMIA  
NACIONAL  
DE RÁDIO**

Aprenda rádio  
por correspondência

Peça folhetos grátis à  
ACADEMIA NACIONAL  
DE RADIO

Avenida Dr. Manuel  
Larangeira, 12  
PÓRTO



esforço do Clube e do carinho de alguns sócios apaixonados da esgrima, uma Sala de Armas, onde o belo e difícil desporto é cultivado e se encontra em acti-  
dade desde 1929.

Mas a prática do jôgo das armas no Sport tem a sua história... Interessante e curiosa, por sinal! E dela nos falou o prestigioso esgrimista sr. Adolfo Basto Correia—o homem sem o qual a esgrima portuense teria desaparecido há muito. Pôde dizer-se até, com rigorosa verdade, que a Sala de Armas do Sport é obra d'êste ilustre desportista: a ela se dedicou com grande carinho, quer mantendo o entusiasmo dos praticantes com o seu exemplo e com o seu prestigio, quer oferecendo-lhe o seu generoso auxilio em todos os momentos difíceis—frequêntes neste desporto que não tem receitas, mas só despezas...

O sr. Adolfo Correia é um homem viajado e culto, afável, conversador, mas essencialmente modesto—de modestia

Adolfo Basto Correia e os seus esgrimistas do grupo de armas em 1912/13. Da esquerda para a direita: Ten. J. Ramiro, dr. S. Pinto de Mesquita, M. Alves Pimenta, H. Mendes Correia, A. Basto Correia, J. Almeida Cunha, Ten. Luiz Alberto de Oliveira, dr. José M. Soares Vieira, J. Maciel de Bar-

ros, David Ferreira, L. Brandão de Melo, Candido Mota, alf. Marques de Mendonça, cap. A. Ferreira de Sousa, Augusto Bastos, alf. Humberto de Ataíde, Aquiles Mause e R. Leopoldo dos Santos.

## O Sport Clube do Pôrto

nas tradições da Esgrima

Bosquejo histórico facultado pelo ilustre esgrimista Adolfo Basto Correia—Cariosas afirmações do campeão olímpico Carlo Agostoni, actualmente no Pôrto, e do jovem mestre de armas Montalvão Fernandes

**N**O ponto mais central do Pôrto, na artéria de maior movimento, tem a sua séde o velho Sport Clube do Pôrto, de nobres tradições, ao qual a cidade muito deve—pelo muito que tem feito na propganda da educação física e no desenvolvimento do desporto. Naquela casa, qual templo de ideais desportivos, tem acolhimento especial a esgrima. Dêste promenor vamos ocupar-nos hoje. Num pavilhão confortável, com as suas dependência próprias, levantou-se expressamente, mercê do



sincera, sentida. Enquanto conversamos não lhe ouvimos uma só referência aos seus actos ou à sua carreira desportiva. O «eu fiz» ou o «eu trabalhei» — não existem para ele. Falou-nos da esgrima no Pôrto, contou-nos a sua história — e conseguiu tudo isto sem uma só referência à sua acção, como já dissemos, mas que todos sabem haver sido verdadeiramente brilhante! Mais: sem a incansável dedicação e o trabalho de Basto Correia, que os seus discípulos veneram e respeitam com justificado carinho, a esgrima portuense teria deixado de existir há muito tempo.

Adolfo Basto Correia começou a sua carreira de esgrimista em 1908, na cidade de Londres, onde foi discípulo de Basset e de Merignac. No ano seguinte, de regresso ao Pôrto, ei-lo em busca de ambiente próprio para a prática do seu desporto favorito — que vai encontrar no extinto Ginásio Clube, onde era professor o então alferes L. do Pimentel, que orientava o trabalho de três ou quatro alunos.

Mais tarde, Adolfo Correia voltou ao estrangeiro. Soube honrar o nome do nosso País, trabalhando em Madrid, com Sanz, em Nápoles, com Cherchion, em Roma, com Carol Pessini, (que considera o mais completo mest. e de todos quantos conheceu), Aurélio e Gasilau Greco, e em Paris, com Conti, Hugnet e Bouché. E deste contacto internacional nasceu um esgrimista português de recursos completos — que se tornaria preciosíssimo à esgrima portuense.

Segundo as curiosas informações do sr. Adolfo Correia, a prática da esgrima no Sport tem a sua origem numa fusão e num pacto, firmado há cerca de quinze anos, entre o antigo Grupo de Armas e Sport, que se fundou em 1905, e o clube de Santa Catarina. Este obrigou-se a continuar a pugnar pelo desenvolvimento da esgrima no Norte, acção esta desenvolvida até então pelo referido Grupo.

A esgrima no Pôrto ficou a dever muito ao tenente Luís Correia de Sousa, que concluiu o curso de aperfeiçoamento de ginástica e esgrima na Escola de Mafra e que foi para a capital do Norte em 1903. Correia de Sousa, além de grande entusiasta pelo jogo de armas, era ainda um oficial culto e bastante conhe-

cedor de assuntos ginásticos. Assim, começou logo por ensinar e animar a esgrima no Ateneu Comercial do Pôrto, ao mesmo tempo que conquistava amigos e insuflava as primeiras energias para a criação do Grupo de Armas. Depois, devido à amabilidade de Ricardo Malheiros, director do «Diário da Tarde», montou a sua primeira Sala de Armas na redacção daquêle vespertino, à praça de D. Pedro, em Dezembro de 1906. Foi ali que o italiano Luigi Merline, que chegou ao Pôrto recomendado pelo grande e saudoso Mestre António Martins, deu as suas primeiras lições, conservando-se depois por lá bastantes anos a ensinar o desporto das armas.

Da sala do «Diário da Tarde», que era aliás bastante acanhada, o Grupo passou, em 1907, para a praça de Santa Tereza, daqui para as Carmelitas e mais tarde ainda para a rua do Correlito, onde, em melhor ambiente, a esgrima tomou certo incremento, chegando a reunir, por alturas de 1913, interessante e apreciável núcleo de bons amadores. Por esta Sala passaram, além de Merline, a quem já nos referimos, os mestres Tules Mielat, francês, e Eduardo Alaigmo, italiano, que foram para o Pôrto expressamente contratados pelo Grupo.

A necessidade de abandonar a sala da rua do Correlito, por uma questão de inquilinato, foi duro golpe na vida da esgrima portuense e levou o Grupo a estabelecer a sede no Palácio de Cristal, onde mais tarde, já fundido com o

Sport Clube, continuou a sua actividade, utilizando o ginásio desta agremiação. A orientação técnica e o ensino estavam então a cargo do sr. capitão Mário de Almeida, a quem o culto da esgrima muito deve e que dirige agora o respectivo Centro Especializado da «Mocidade Portuguesa», da divisão do Douro Litoral.

Assim chegamos à actividade da actual Sala de Armas do Sport Clube — que prossegue com a maior utilidade a missão que lhe foi confiada ao receber a «herança» do Grupo de Armas e Sport: pugnar pelo desenvolvimento da esgrima no Pôrto.

### Carlo Agostoni, campeão olímpico de florête, na Sala de Armas do Sport Clube do Pôrto

Carlo Agostoni, brilhante atirador italiano, vive no Pôrto desde Setembro de 1942. Já tomou parte em três Olimpíadas: a de 1928, em Amesterdã, de 1932, em Los Angeles, e de 1936, em Berlim. Nas duas primeiras conquistou o título de campeão olímpico de florête e na terceira fez igualmente parte da equipa vencedora. Devido à sua permanência na capital do Norte, à qual o trouxeram assuntos de ordem profissional, frequênta a sala de armas do Sport.

A nossa conversa começou por Carlo Agostoni nos afirmar a sua admiração pelo sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro.

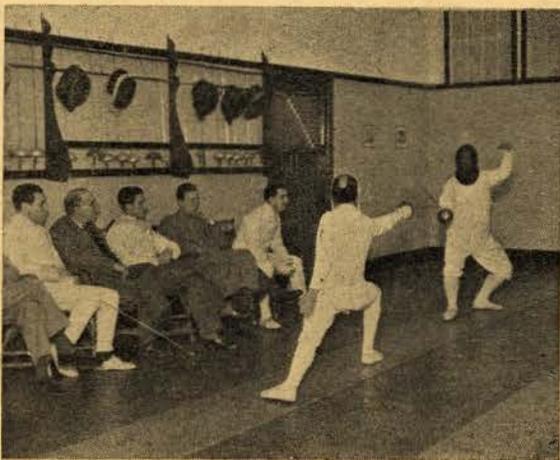
— É um homem — diz-nos — no qual os desportistas portugueses, e os esgrimistas em especial, devem confiar abertamente. É um valor, o vosso Director Geral de Desportos!

— Que pensa da esgrima portuguesa?

— Luta com falta de professores e não vive por isso o ambiente progressivo que merece. Os portugueses são bons esgrimistas mas devem pensar na renovação de valores, para que mantenham o prestígio internacional que tão brilhante e justamente conquistaram.

— Dos atiradores portugueses que conheceu nos Jogos Olímpicos, quais lhe deixaram melhor impressão?

— Henrique da Silveira, Rui Mayer e João Sassetti — três estilos diferentes, mas todos de classe elevada. Honraram e prestigiaram Portugal!



Basto Correia e Montalvão Fernandes observam a actividade na Sala de Armas

— Que lhe parece o novo mestre de Armas do Sport?

— Como esgrimista ainda não tive ocasião de o observar. Como professor, a avaliar pelos escassos pontos de referência de que disponho agora, tenho colhido boa impressão.

— E a sua opinião sobre a alma da esgrima aqui — Adolfo Basto Correia...

— ...Não há palavras que classifiquem a

### Cartões de livre-trânsito

Recebemos mais, e agradecemos, cartões de livre-trânsito das seguintes entidades: Associação de Ciclismo do Sul, Associação de Basketball de Lisboa e Vilanovense Futebol Clube.



CENTRAL DA BAIRRADA  
LIMITADA  
VINHOS ESPUMANTES NATURAIS

## ROSAKI

DEPOSITO EM LISBOA  
PRAÇA DA ALEGRIA, 51 — TEL. (22.540) 58.540  
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR  
27-A — LISBOA

sua paixão pela esgrima!! O «mestre» Adolfo Correia é uma glória do desporto português!

### Fala o alferes Montalvão Fernandes, novo mestre de armas do Sport Clube

Montalvão Fernandes tomou contacto com a esgrima em 1925, no Colégio Militar, mas foi na extinta Escola de Educação Física do Exército que obteve o seu diploma, trabalhando sob a orientação de alguns dos mais consagrados professores de esgrima, como o coronel Gonçalves Mendes Jr., tenente-coronel Sacramento Monteiro e capitão Campos de Andrada.

Quisemos ouvi-lo também e aproveitámos a pequena pausa de uma lição.

— Diga-nos a sua opinião acerca do momento actual da esgrima portuguesa...

— Nós, que temos uma escola própria, possuímos invejável categoria internacional e gozamos franco prestígio lá fora, ainda não conseguimos dar à esgrima nacional, pelo que respeita ao momento presente, ambiente à altura desses justos atributos. Os mestres são poucos, os praticantes também não são no número desejado e há falta de entusiasmo — tudo isto incompatível com as nossas responsabilidades. Mas confiemos na acção do sr. Director Geral de Desportos — o insigne Mestre Sacramento Monteiro, de quem guardo as melhores recordações — para resolver o problema.

— A que atribui este estado de coisas?

— Para mim, a esgrima portuguesa sofreu rude golpe com o desaparecimento da Escola de Educação Física do Exército. Neste facto está um dos aspectos do problema...

— Isto quanto à formação de professores, não é verdade?... Mas quanto a praticantes...

— ... Um caso está intimamente ligado ao outro, como compreenderá.

Mudando o rumo à conversa, perguntámos também a Mestre Montalvão Fernandes a sua impressão sobre a personalidade de Adolfo Basto Correia. Resposta pronta e sincera:

— Que hei-de dizer de um homem cuja vida tem sido inteiramente dedicada à esgrima e que a este desporto tem dado o melhor do seu caloroso entusiasmo?!

Para concluir, quisemos saber de Montalvão Fernandes se estava satisfeito na missão de professor de esgrima do Sport Clube.

— Satisfeitíssimo! — é o termo... Bom ambiente, boa camaradagem, disciplina e espírito desportivo. Satisfeitíssimo, repito...

E com estes curiosos depoimentos demos por finda a nossa visita à sala de armas do velho e prestigioso Sport Clube do Pôrto.

EDUARDO SOARES

# OS DOIS PRIMEIROS

## NA SEGUNDA SÉRIE

DE 9 DE DEZEMBRO DE 1942

EM sessão publica, no acto solene da inauguração oficial do «Curso de Ciclistas», na sede da Federação Portuguesa de Ciclismo, o nosso querido director, dr. Guilhermino de Matos, pôs em relevo a coerência notada, até agora, entre a obra realizada pela «Stadium» e o programa esboçado na data em que a nossa revista recomeçou a publicação, retomando o seu lugar, um lugar de honra, na imprensa lusitana de desportos. E salientou o sr. dr. Guilhermino de Matos, na referida sessão, que se dissera quasi dois anos antes ser nosso propósito desempenhar uma função essencialmente construtiva e honesta, de pleno acatamento às superiores directivas de disciplina e de valorização e dignificação da causa nobre dos desportos. Procuraríamos assim, dignificar a missão de um jornal da especialidade e contribuir para a expansão e progresso técnico de todos os desportos.

A dois anos de distância do primeiro número em que se fez sentir a direcção do sr. dr. Guilhermino de Matos, com a cooperação de um núcleo valioso de redactores, colaboradores, fotografos e desenhadores, agrada reconhecer, sem falsa imoestia, que a nossa acção tem correspondido de certo modo à directriz fixada de principio, e tem, na verdade, sido benéfica para o desporto. Podíamos talvez ter feito mais. Mas nem tudo depende de nós. Nem é facil que tudo corresponda aos nossos desejos. Nada é perfeito, nem completo, sobre a terra.

Indiquemos, entretanto, nesta hora de satisfação pela amplitude de trabalho produzido, o que de mais importante, mais interessante ou mais oportuno se fez nestes dois anos de labuta numa revista gráfica de desportos.

### Como apareceu a «Stadium» em 9 de Dezembro de 1942

Começou nesta data a segunda série da nossa revista, sob a direcção do dr. Guilhermino de Matos. Compunham o grupo de redactores e colaboradores os jornalistas Domingos Lança Moreira, Avelar Machado, dr. Salazar Carreira, Jorge Monteiro, Diamantino Dias, Abreu Torres, Carlos Correia, Gil Moreira, Gualter de Oliveira, Mário de Oliveira, Fernando Sá, Domingos Moreira e João Braz. Nos serviços de reportagem fotografica superintendia Manuel Nunes de Almeida. E a delegação da «Stadium» no Pôrto era constituída por Guilherme de Carvalho, Mário Afonso, Correia de Brito, Eduardo Soares e pelo fotografo Hermann Vitorino.

Passaram depois a colaborar conosco outros jornalistas, como Tavares da Silva, com um nome feito principalmente no «Diário de Lisboa», Rafael Barradas, o nosso melhor critico de boxe, Reinaldo Monteiro, esgrimista de valor, Mário Santos, João Assunção, Vasco Santos, J. Casimiro Vinagre e Antas Teixeira. Alguns dos primeiros redactores e cola-

boradores afastaram-se por motivos diferentes. Foram-se uns. Vieram outros. E a eterna lei da renovação...

Dois dos nossos colaboradores faleceram, no segundo ano da «Stadium» — João Braz, conhecido como critico de futebol, de boa visão do jogo e do jornalismo; e Domingos Moreira, director de secção «A Lareira», de palavras

para valorização e dignificação das praticas desportivas, levou-nos a abrir esta série da «Stadium» com o relato de uma audiência que se dignou conceder-nos o sr. tenente coronel Alvaro Salvação Barreto, que era então Director Geral de Desportos.

O sr. tenente-coronel Salvação Barreto fez nessa audiência afir-

nossa revista com as entidades que dirigem superiormente o desporto em Portugal.

### Números especiais

Nestes dois anos, conseguimos sempre lançar e expedir a «Stadium» com regularidade. A tarefa semanal da factura da revista fez-se, normalmente, a tempo e horas — por vezes à custa de muito sacrificio.

Em pouco mais de uma centena de números semanais, tivemos dois de especial relevo: o n.º 53, de 8 de dezembro de 1943, para comemoração do primeiro aniversário da segunda série da «Stadium», e o que publicamos para comemorar a inauguração do Estádio Nacional, em 10 de Junho. A capa do segundo número especial evocava duas datas que se ligavam entre si, relativamente ao Estádio Nacional — 3 de dezembro de 1933, dia em que o sr. dr. Oliveira Salazar prometeu, em público, perante a multidão de atletas que se reuniu no Terreiro do Paço, a construção do Estádio; e 10 de Junho de 1944, dia da sua inauguração festiva, numa tarde de glória para o desporto. Em onze anos fez-se uma obra grandiosa!

### Campanhas de propaganda

Em dois anos, julgamos notável o trabalho realizado neste capítulo. Apontemo-lo, em síntese: — Campanha para ressurgimento da luta greco-romana, por Domingos Lança Moreira, em 1944. Chegou-se aos trabalhos de fundação de Associação Lisbonense de Luta. Mas pararam depois os clubes interessados. Não foi certamente por excesso de actividade...

— Campanha em prol do ressurgimento do «water-polo» de competição, por Abreu Torres e Mário de Oliveira, em 1943. A Federação Portuguesa de Nataçao chegou à organização de um torneio, sob patrocínio da «Stadium». Teve apenas a inscrição de dois clubes, embora com três equipas; e realizou-se um só desafio, por desistência de equipa B do Algés. Ganhou o Algés por 12-0, contra o Alhandra. No entanto, a semente foi lançada de novo — e germinou.

— Campanha de incitamento entre os casapianos, para desenvolvimento do Casa Pia Atlético Clube, de Reinaldo Monteiro (1944).

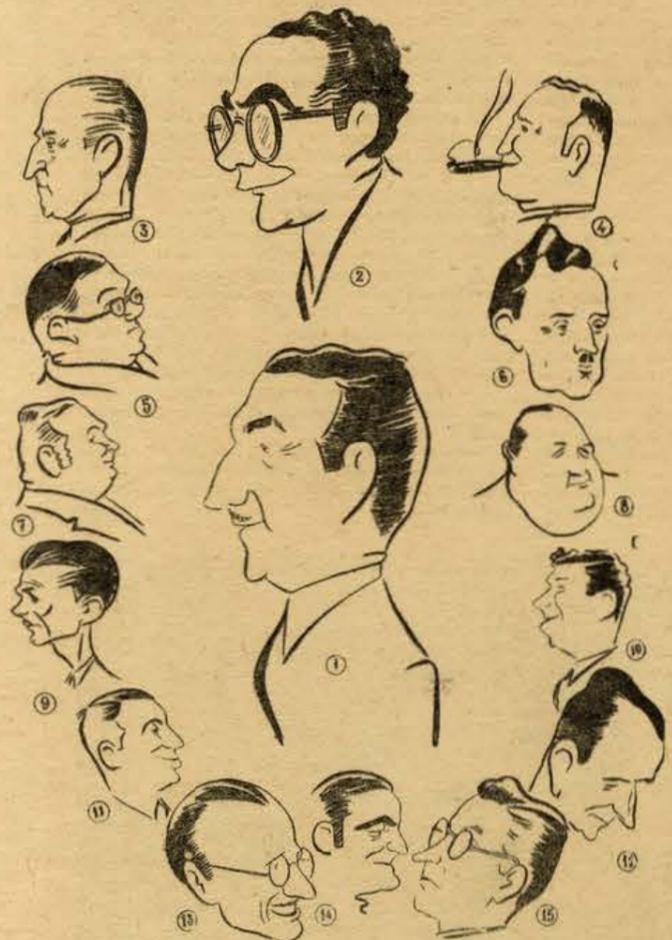
— Campanha nacional da «Moidade Portuguesa», em 1944 — série de entrevistas com as seguintes individualidades: dr. Marcelo Caetano, actualmente Ministro das Colónias, cap. Celestino Marques Pereira, dr. Salazar Carreira, dr. Carlos Moreira, inspector do Ensino Primário, general Ferreira Martins, tenente Alberto Marques Pereira, e drs. Adriano Rodrigues e Maximino Correia, respectivamente reitores das universidades do Pôrto e de Coimbra.

— Uma brilhante série de arti-

mações que despertaram o maior interesse, pela clareza das suas palavras e pelo facto de haver dado à população desportiva ideias e conceitos de orientação valiosos.

Quando, mais tarde, aquele illustre desportista foi substituído, por motivo da sua nomeação para o cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa, fizemos larga e justa referência à personalidade do seu substituto, o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro — brilhante figura de desportista.

São excelentes as relações da



1—Dr. Guilhermino de Matos, director da Stadium; 2—Avelar Machado, chefe da redacção; 3—Dr. Salazar Carreira; 4—Tavares da Silva; 5—Rafael Barradas; 6—Mário de Oliveira; 7—Ricardo Ornelas; 8—Carlos Correia; 9—Gil Moreira; 10—Fernando Sá; 11—Diamantino Dias; 12—Antas Teixeira; 13—Eduardo Soares; 14—João Dias; 15—João Assunção.

cruzadas e entretenimentos correlativos. As suas qualidades de jornalista juntava a de ser pai de Domingos Lança Moreira. Sentimos por isso pesar pela sua perda. João Braz e Domingos Moreira deixaram profunda saudade. É dever de camaradagem recorda-los com emoção.

### Direcção Geral de Desportos

A nossa atitude inicial, de perfeito acatamento às instruções superiores em matéria disciplinar,

# ANOS DE TRABALHO

## DA «STADIUM»

A 6 DE DEZEMBRO DE 1944

goss sobre a técnica do «rugby», pelo dr. Salazar Carreira (1944), que continua.

— Uma série de artigos bem curiosos sobre Educação Física e desportos de inverno, por Alberto Viana (1943 e 1944).

### Propaganda do atletismo

O esforço desenvolvido pelo dr. Salazar Carreira, na propaganda e divulgação do Atletismo e sua técnica, tem sido brilhante e eficiente. A sua acção tem-se exercido com magnifica regularidade.

Começou, em 1943, com a série «Corrija o seu estilo», de larga repercussão no país e em Espanha. Como sub-titulo adoptou uma legenda que traduz sugestivamente objectivo em vista: «a fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes». Trata-se, pois, de lições dadas nas melhores condições de compreensão. Repetiu esta série no corrente ano, com idêntica utilidade — e maior êxito.

No principio deste ano, e com outra orientação, tendo também por objectivo a divulgação de boas normas de carácter técnico, publicou uma outra série, sob o titulo de «Para entreter, enquanto as pistas descansam».

A campanha do dr. Salazar Carreira alargou-se ao Pôrto; e teve por base uma sua conferência, promovida pela «Stadium», no ginásio do Futebol Clube do Pôrto. Efectuaram-se, depois, mais duas conferências — de Roberto Machado e José Fontes. E este ciclo de propaganda fechou com o «Torneio dos Estreantes». Dotámo-lo com a taça que recebeu o nome de Salazar Carreira, ganha pelo Futebol clube do Pôrto. Neste ciclo brilhou o esforço do nosso dedicado colaborador Eduardo Soares.

### Em prol do ciclismo

A crise que lavra no ciclismo levou o nosso redactor Gil Moreira a projectar um conjunto de iniciativas. Dentro do programa esboçado, fez-se o que segue:

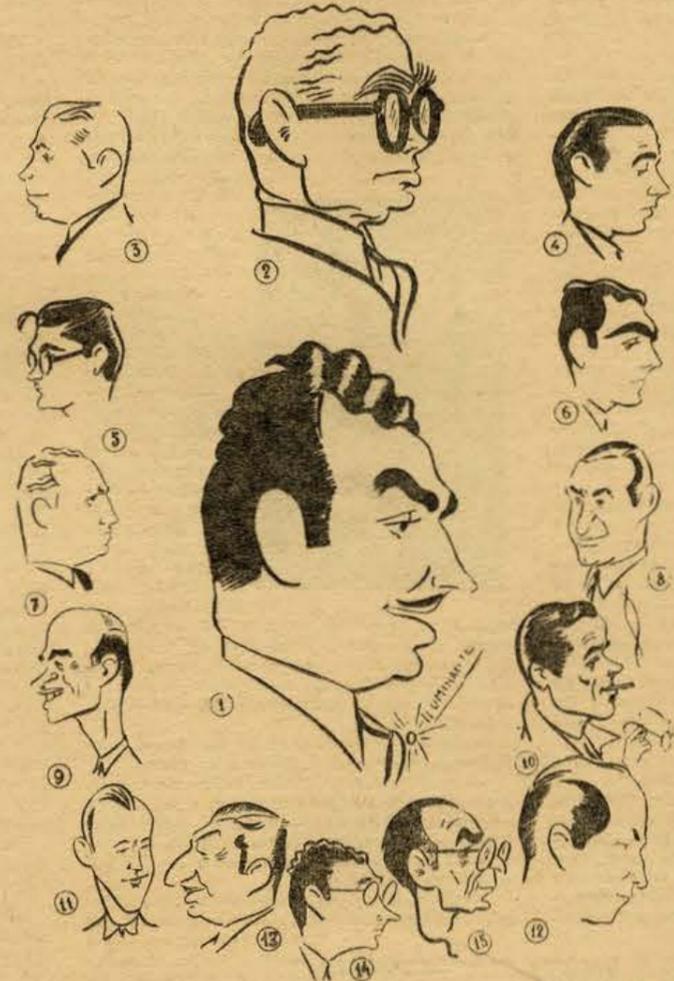
— Um «Curso de Ciclistas», dirigido por Gil Moreira e inaugurado solenemente em 14 de Outubro próximo passado. Este curso tem funcionado com regularidade, todas as sextas-feiras, à noite.

— A prova «Lisboa-Santarém-Lisboa», em duas tiradas, para os corredores independentes, organizada pelo Grupo Desportivo da «Iluminante», sob o patrocínio da «Stadium», ganha por Eduardo Lopes, da «Iluminante», individualmente, e pelo Sporting, por equipas. Disputada em 25 de Outubro último.

— A «Prova de Iniciação Flecha», em quatro percursos distribuídos por dois dias, para corredores iniciados, disputada em 28 e 29 de Outubro último, com os seguintes resultados:

Lisboa-Sintra, 41 quilómetros. Vencedor Gaspar Paulo, do Sport Lisboa e Alenquer. Sintra-Lisboa, 38 qms. Mesmo vencedor. Lisboa-Tôrres Vedras, 55 qms. Mesmo vencedor. Tôrres Vedras-Lisboa, 57 qms. Carlos Quadros (Alunos de Apolo).

— Os 30 anos de Federação Portuguesa de Futebol. — O 50 anos da Associação Naval 1.º de Maio, de Figueira da Foz. — Os primeiros trofeus do Sport Lisboa e Benfica. — A velha guarda do desporto (Ernesto Ribeiro da Silva, vencedor da Travessia do Tejo a nado, em 1909). Carlos Correia publicou algu-



1—Amadeu Seabra, proprietário da Stadium; 2—José Soares, administrador; 3—Reinaldo Monteiro; 4—Abreu Torres; 5—Vasco Santos; 6—J. Casimiro Vinagre; 7—Jorge Monteiro; 8—Mário Afonso; 9—Alberto Silva Viana; 10—José Pargana; 11—Hermann Vitorino; 12—Rodrigues Teles; 13—Claudino Madeira; 14—Carlos Manuel; 15—José Manique.

Classificação geral: 1.º Carlos Quadros (Apolo), 5 h. 58 m. 54 s. Média final — 31 qms. 930 por hora.

### O desporto e a sua história

Para compreender melhor o presente, evocamos, num ou noutro número, o passado. Publicámos, a este respeito, os seguintes artigos:

— Um jogo de futebol no carnaval de 1910. — O Pôrto-Lisboa de 1894.

— Taça oferecida para um desafio de «hockey» em patins, em reservas, disputado no dia da final do Campeonato de Portugal (1943). Ganha pelo Futebol Benfica. — Taça para o primeiro prémio da «J Rampa de Santa Catarina», em ciclismo (1943), ganha pelo Lisgás. — Taça instituída para o «Torneio de Waterpolo», em 1943. Ganha pelo Sport Algés e Dafundo. — Taça para a classificação por equipas no festival do aniversário do Clube Nacional de Nataçao, que patrocinámos. Ganha pelo Atlético Clube de Portugal. — Taça oferecida para o festival anual da Imprensa, em nataçao (em disputa há anos). Ganha, em 1944, pelo Estoril Praia. — Taça do aniversário do Clube Náutico «Maré Nostrum».

— Taça do torneio de «tennis» de mesa, em disputa desde 1938-39. Ganha, na época de 1943-44, pelo Sport Lisboa e Benfica. No primeiro ano inscreveram-se 7 equipas. No último torneio, inscreveram-se 10 clubes com 18 equipas. — Taça «Dr. Salazar Carreira», para o «Torneio de Estreantes» do Pôrto. Ganha pelo Futebol Clube do Pôrto.

A última prova colocada sob o patrocínio da «Stadium», a pedido da respectiva entidade directiva, é o torneio da Divisão de honra de «volleyball», disputado há pouco, com uma taça oferecida pela nossa revista e que foi ganha pelo Técnico.

### Inquéritos e plebiscitos

Fizemos o primeiro inquérito em 1943, acerca das indicações fornecidas pela época de 1942-43, em futebol. Depuseram as seguintes personalidades de relevo no popular desporto: prof. Cruz Felipe, cap. Maia de Loureiro, tenente da armada Joel Pascoal, cap. Ribeiro dos Reis, Tavares da Silva, Ricardo de Ornelas, drs. Augusto da Fonseca, Amado de Aguiar e Constantino Fernandes, Paiva e Silva, Carlos Canuto, Janos Biri, Carlos Alves e Adolfo Mourão. A época de futebol foi analisada com devoção — e em profundidade.

Em 1944 organizou-se um outro inquérito, mas sob a forma de plebiscito:

— Qual o acontecimento desportivo mais importante de 1943?

— Qual o melhor atleta, no mesmo ano?

Este novo inquérito teve um êxito representado especialmente pelo número de respostas que se registou. Damos, entretanto, os três melhores resultados em cada grupo.

Quando a acontecimento desportivo:

1.º Dissidência na secção de nataçao do Sport Algés e Dafundo e passagem de Alberto Azinhais dos Santos e Mário Simas para o Estoril Praia, com..... 823 votos.

2.º Vitória do Clube de Futebol «Os Belenenses» no campeonato de Lisboa, de futebol, com..... 598 votos.

(Continua na pag. 31)

## A dra. D. Adelaide Felix

concede uma entrevista à «STADIUM» e diz o que pensa do desporto feminino

NA literatura feminina do nosso País recorta-se, num traço acentuado, o vulto freme de vida da sr.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> D. Adelaide Felix. Espírito desempoeirado, personalidade essencialmente feminina, se bem que vigorosa e forte, ela representa no nosso tempo a «Mulher da nossa época», deixadas certas idéias feitas que formaram escola, mas que o tempo e a nossa «pequena força de mulheres» vão dissipando. Foi, portanto, procurá-la com a certeza de que a «minha causa», ou seja a causa de lódas as leitoras da «Stadium», tem na sua visão esclarecida o cantinho que lhe pertence.

Um grande molho de cravos vermelhos dominava o ambiente, a desvendar a origem ribatejana da sr.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Adelaide Felix; na sua secretária, umas folhas de papel denunciavam o trabalho... E eu associeti: fiores e labor — a síntese da mulher de hoje, feminilidade e força. Compreendi melhor a estrada que traçámos e o ideal que pretendemos alcançar. Desejei então conhecer as obras da senhora que tão bem representa a Mulher actual — e a dr.<sup>a</sup> Adelaide Felix, num sorriso alegre, de boa disposição, foi-me dizendo:

— As obras que tenho escrito?... Eu lhe digo: uma lista já longa de «alentados» contra a paciência alheia. Romance, novela, contos. Só prosa, portanto... Hora de instinto, o meu primeiro romance, é como um filho já crescido, a fazer-me velha... Depois, Miragens Torvas, Personae e por aí fora, passando pelo O grito da Terra e mais qualquer coisa, até ao Cada qual com seu milagre, o último que publiquei.

— Se o desporto sempre me interessou?... Sim eu tenho temperamento desportivo e orgulho-me disso. Nunca entrei em competições, nunca aspirei sequer a ser medalhada — mas nado, remo, patino, faço os meus passeios de bicicleta e guio o meu carro. Em tempos, montei a cavalo e tentei o tenniss. Da primeira modalidade desisti porque circunstâncias da minha vida me levaram a tal. O dia-a-dia nas grandes cidades difere muito da existência que se leva na província... Da segunda, nunca cheguei a fazer um treino regular...

— Não acha, então, que a mulher perde a feminilidade nas práticas desportivas?...

— Não. Afigura-se-me que de modo nenhum pode fazer-se semelhante afirmação! Evidentemente que, entre as várias modalidades do desporto, uma ou outra se mostra menos apropriada, talvez mesmo francamente desaconselhável às condições físicas da rapariga e da mulher. Mas restam ainda mui-

tos caminhos por onde ela se pode embrenhar confiadamente — com vantagens manifestas e múltiplas: a mulher que compreenda o que deve a si própria, às exigências especiais da sua compleição física, e à sociedade, saberá escolher entre os diversos ramos desportivos aquêle, ou aquêles, em que se fortaleça, sem nada perder da sua graça femineil. E atente-se em que dizendo «graça» não quero significar «fragilidades», mas porte donairoso e gentileza de espirito.

— A respeito de educação, pensa que o desporto tem nela alguma influência?

— Imensa! As crianças que recebem educação desportiva habituam-se fãcilmente a normas e idéias de disciplina e de higiene, de esforço colectivo e solidariedade, que representarão qualquer coisa de muito valor no seu futuro. Quem seja habituado desde verdes anos à prática do desporto sentirá sempre,



vida em fora, certa consciência de personalidade que é aprumo e não rebeldia.

— Sobre o vestuário em voga para fins desportivos, concorda com êle?

— O vestuário de um desportista é, no fim de contas, como que um «trajo de trabalho» — trabalho que se faz por devoção, bem sei, mas «trabalho»... Portanto, seja feminino ou

masculino, deve obedecer a três condições: maior comodidade e facilidade de movimentos; ausência de modas espectaculares, transitórias, que obriguem a despesas inúteis; e decência, respeito pela moral em que fomos criados.

— Sabe que em França há, ou houve, mulheres jogadoras de futebol? Que pensa?

— Não conheço, sendo rudimentarmente, mesmo muito rudimentarmente, o jogo. Não sou médica. Não lenho, portanto, autoridade para me pronunciar sobre o assunto.

— O que pensa do domínio que o futebol exerce nas multitudes?

— Considero o futebol uma das manifestações mais expressivas da época dinâmica que atravessamos. Além disso, comporta atitudes e momentos de beleza plástica que se impõem ao espectador mais desprevenido. E dos espectáculos em que o fluido existente entre o actor e o espectador se mostra mais intenso. Qualquer desafio, por mediocre, dá mostra cabal do forte domínio que o jogo exerce no público. E um match internacional?... Oh! Nisso nem é bom falar!

Assim concluiu a sr.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Adelaide Felix as considerações com que tão amavelmente nos honrou.

## PRODUTOS DE TOUCADOR E BELEZA "LA TOJA"

Sabonetes de Toucador (para peles gordurosas e secas) — Sabonetes Banho (flutuantes) — Pasta Dentífrica — Sticik e Creme para Barbear — Cremes de beleza (para de dia e para de noite) — Brilhanlina — Shampoo — Águas de Colónia — e Loção para o cabelo

Experimente V. Ex.<sup>a</sup> estes magníficos produtos e ficará plenamente satisfeito

Concessionário para Portugal, Ilhas e Colónias

MONTEIRO GUIMARÃES, FILHO, Ltd.  
86, Rua José Falcão, 96 — PORTO

## Vamos aprender como se joga?

VII — O lançamento da linha lateral

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

QUANDO a bola sai do terreno pela linha lateral, qualquer jogador a pode lançar de novo para o campo, do ponto indicado pelo juiz de linha e à distância que melhor lhe convier além do mínimo de cinco metros, mas em direcção rigorosamente perpendicular à linha lateral.

E, em regra, o médio de formação quem desempenha esta tarefa, mas como no «rugby» ganhar tempo é sempre vantagem preciosa, qualquer avançado, ou três-quartos ponta, deve estar apto a fazê-la quando a chegada do médio se faça esperar.

Não existe método fixo estabelecendo a forma de atirar a bola; o sistema mais usado é o lançamento com o braço estendido, o corpo com a linha dos ombros perpendicular ao limite do terreno, descrevendo com a mão uma semi-circunferência no plano do tronco, de maneira que ao concluir a trajectória ascendente a face interna do braço venha de encontro à cabeça. A bola segura-se por um dos topos, assente o eixo maior ao longo do antebraço, e deve ser atirada sem rotações que dificultem a segurança da recepção. Compete aos avançados esta missão de receber a bola do lançamento da linha e dar-lhe o destino conveniente. Devem, portanto, logo que a bola sai, accorrer prontamente ao lugar do lançamento, para aproveitar — no caso de lançamento a seu favor — da possível ausência dos adversários ou, no caso contrário, para impedir que êles actuem livremente.

Os avançados colocam-se sobre uma linha perpendicular à linha lateral, partindo do ponto indicado pelo juiz e à distância que melhor lhes convier, além do corredor de cinco metros que a lei obriga a deixar livre. A forma de disposição geral fica dependente das condições especiais do momento.

Se o lançamento é feito por um adversário, cada homem marca outro do campo contrário e nada mais; se o lançamento é feito por um companheiro de equipa, escolhe a disposição considerada mais favorável, procurando por todos os meios proteger ou desmarcar um homem, que será o recebedor.

Como regra geral, devem os lançamentos ser compridos no ataque e curtos na defesa, isto sem o exclusivismo de um dogma, pois em todas as circunstâncias intervem — ou deve intervir — o critério do jogador no juízo da iniciativa a tomar e que pode fugir aos preceitos ortodoxos.

A disposição dos jogadores da equipa que executa o lançamento, obedece, em princípio, aos seguintes requisitos:

1.º — Se o lançamento é curto, formar um grupo junto à linha limite dos cinco metros, do qual se destacará um homem, de preferência o mais vigoroso, para apañar a bola e carregar o campo contrário, ajudado pelos avançados que o cercam, como foi preceituado para os casos de formação aberta.

2.º — Se o lançamento é comprido, coloca-se o primeiro avançado no ponto limite anterior, constituindo-se os restantes em grupos de dois, separados entre si por uma distância de alguns metros e ficando um sem posição fixa e à espera da indicação ocasional da iniciativa a tomar.

Para conseguir desmarcar um avançado, pode experimentar-se a brusca mudança de lugar de um dêles; é para êle que o médio lança a bola; se assim não sucede é provável que o sigam vários antagonistas, deixando livre qualquer companheiro.

O três-quartos ponta do lado onde é executado o lançamento tem a desempenhar papel importante; o intervalo deixado, nos lançamentos compridos, entre os grupos de avançados, ou entre o primeiro da frente e o ponto

# FIM DE ÉPOCA

## Notas e comentários

**P**ODE dizer-se que decorreu com entusiasmo e interesse a temporada hípica que findou praticamente com o Concurso de Cascais, último de quantos se realizaram este ano.

São poucos os concursos levados a cabo no nosso país — e os que se verificam começam já quasi em pleno verão, prolongando-se por Agosto e Setembro e dando lugar a que os cavalos só se encontrem absolutamente treinados no fim da época, quando já não há nisto verdadeiro interesse de baixo do ponto de vista internacional.

Os espanhóis, nossos vizinhos e nossos adversários de todos os anos, começam mais cedo do que nós. Por isso mesmo, quando da nossa visita anual a Espanha, têm as suas montadas em forma — o que talvez se não dê conosco, que vamos a Madrid sem que antes disso tivéssemos submetido os cavalos a provas de concurso, as quais, como se sabe, constituem a verdadeira preparação.

Que nos consta, em 1944 houve um só treino para a equipa nacional — e este pouco proveitoso.

Permitimo-nos lembrar a conveniência de se começar mais cedo, principalmente na próxima época, dado que possuímos um bom lote de cavalos novos, muitos deles estreantes, e do qual sairão, por certo, algumas das montadas do grupo representativo de Portugal em 1945.

Talvez dando maior desenvolvimento às «poules» que anualmente iniciam a época, e tornando-as, pelo seu interesse, extensivas às montadas de maior categoria — nas deste ano, que, diga-se, decorreram no meio de grande animação, não nos foi dado ver inscrito nenhum dos nossos cavalos internacionais — se conseguisse melhor forma quando da nossa ida a Espanha.

Nesta crónica de fim de época não queremos deixar de fazer referência a dois factos que nos agradaram francamente e que demonstram bem o interesse do público pelo hipismo e o valor dos concursistas portugueses. Referimo-nos à enorme assistência verificada em todas as provas e à magnífica vitória alcançada, no decorrer do Concurso de Lisboa, sobre os representantes da cavalaria espanhola.

Os triunfos conquistados sobre cavaleiros e cavalos da categoria dos que habitualmente

nos visitam são daqueles que mais nos agradam e convencem, principalmente quando, como este ano, a vitória nos pertenceu em todas as provas disputadas.

E' certo, e não queremos nem devemos ocultá-lo, que os cavaleiros espanhóis lutaram com falta de sorte. Sem alguns dos seus melhores animais, entre estes a famosa «Egalité» e privados do concurso de Angel Somalo e de Kirpatrick O'Donnel, quasi todos os outros componentes da equipa concorreram com as montadas trocadas. Talvez por isso mesmo as classificações obtidas não corresponderam nem ao valor dos cavaleiros nem à categoria dos cavalos.

Isto, é claro, não desmerece o brilho das vitórias portuguesas, quasi todas alcançadas com muito mérito. Seja-nos permitido citar, entre estas, as de Henrique Calado, no «Grande Prémio» e «Taça de Honra», a de Reimão Nogueira, na «Caça», a de Correia Barreto, na «Omnium», e a da equipa nacional, na «Taça de Ouro da Península».

O Concurso de Castelo Branco decorreu animado e ofereceu dois bons triunfos a Trigo de Sousa, na «Omnium» e no «Grande Prémio»; o do Porto, que este ano voltou a realizar-se mas que não teve a assistência que se esperava, proporcionou a Helder Martins magnífica vitória, na disputa da «Taça de Honra».

Vila Franca deu-nos uma competição animada, na qual se inscreveram 71 concorrentes, número que só por si diz tudo.

Plenos de animação e de entusiasmo se apresentaram os concursos de Mafra e Cascais. No primeiro houve dois grandes vencedores, Correia Barreto e Henrique Calado; no segundo alcançaram-se vitórias brilhantes, entre as quais uma de Carlos Granate, no «Grande Prémio», outra de Reimão Nogueira, na «Taça Marquês da Graciosa», e a de Lemos da Silveira, na prova «Regularidade», uma competição que é sempre emocionante.

Quanto a cavalos, ficamos com a certeza de que os islandeses adquiridos são de categoria e devem, para a próxima época, dar boa conta de si. Nos melhores figuram «Vouga», «Zuari», «Gaza», «Zézere», «Complexity» e «Sagres».

Dos antigos, isto é, dos que já conhecíamos,

agradaram-nos particularmente «Paio» «Rasos», «Optus», «Congo», «Sado» e «Desejado»; num plano um pouco mais baixo, «Xerez», «Tarass», «Abrantino», «Jocosos» e «Inquiridora».

Verificou-se abaixamento de forma, que a idade justifica, no «Magu», um dos nossos internacionais de há longos anos, mas ainda gostamos de ver «Adail», apesar dos seus tempos aureos já terem passado...

A equipa nacional que nos representou em Espanha teve no país acção meritória e os seus componentes obtiveram individualmente o triunfo em vinte e duas provas. De todos, o mais premiado foi Henrique Calado, que averbou à sua parte onze vitórias, entre as quais os «Grandes Prémios» de Madrid e de Lisboa e o Campeonato do Cavaleiro de Guerra. Cavaleiro de inegáveis qualidades, o jovem alferes tem um futuro prometedore e é já uma consoladora «vedure» do hipismo português.

Correia Barreto e Reimão Nogueira foram dois concursistas brilhantes; Helder Martins e José Carvalhosa não conseguiram mostrar-nos todo o seu valor, por não estarem ainda em forma os seus cavalos islandeses.

Dos não seleccionados, distinguiram-se Travassos Lopes, António Spingola, Rhodes Sérgio, Fernando Pais e Guedes de Campos. Da falange de novos cavaleiros, alguns nomes sobressaem com justiça e entre estes os de Miranda Dias, Fernando Cavaleiro, Trigo de Sousa, Barros e Cunha, Carlos Granate, Lemos da Silveira e Morais Monteiro.

Se bem que se encontrem ainda por efectuar algumas provas, pode dizer-se que decorreu com brilho a época hípica de 1944 — e que a que se avizinha promete não lhe ficar atrás.

Oxalá assim seja, para que o hipismo não deixe de ocupar o lugar a que legítimamente tem direito — e que lhe cabe, sem facciosismo nem favor, entre os desportos de maior nomeada.

ANTAS TEIXEIRA

limite do terreno onde é permitida a jogada, é propício a abrir-lhe passagem, pela qual avançará a toda a velocidade, recebendo a bola ao cruzar a linha de lançamento. Se os avançados contrários se deixam surpreender, a manobra resulta em ganho apreciável de terreno; e se, inversamente, eles se precipitam sobre o três-quartos, para lhe impedir a passagem, ficam desmarcados outros jogadores, que devem aproveitar a ocasião.

O médio de abertura indicará ao médio de formação, pela sua posição em frente da fila, o ponto preferido para o lançamento e sempre se manterá vigilante e pronto a receber a bola atirada pelos avançados, para iniciar a ofensiva com os elementos das linhas atacantes.

A preocupação dominante nos avançados em linha será apoderarem-se da bola lançada pelo companheiro; para isso precisam de saltar, saltar em qualquer circunstância, o mais alto possível e por forma a caírem de frente para o campo adversário, prontos ao ataque, se conquistam a bola.

Nestes esboços ofensivos, o atacante nunca deve partir isolado; acompanhá-lo-ão os outros avançados, que em caso de necessidade se agrupam e o empurram em formação aberta, ou seguem em ataque à mão por passagens curtas.

O avançado na posse da bola nem sempre tem conveniência em atacar directamente; sobretudo em terreno adversário, tem grande vantagem em passar a bola aos médios e três-quartos melhor colocados para o ataque por passes.

Finalmente, nas passagens curtas, feitas a um companheiro perto da linha dos cinco metros, não deve este esquecer, no prosseguimento do ataque, a presença do lançador, pois muita vez pode colaborar eficazmente, intervindo em redobre de passes.

**Candleiros**

E C M E L

225, R. Palma, 235

L. S B O A

Telef. 28156

### Um pouco de história

(Continuação da pág. 12)

fundação vem, também, de 1906. No Porto, estava-se ainda na fase de propaganda. O grupo que apresentamos, para evocação dos primeiros tempos dos campees portugueses, tinha a seguinte constituição: António Figueira; Elisabeth de Mesquita e Mendes Correia; Cautlio Gadda; Boada e António Martins; Freitas, Moateiro da Costa, Hardy, Araújo e José Bastos. Monteiro da Costa é considerado o fundador do Futebol Clube do Porto.

A recordação destes nomes para o futebol nacional, como para cada um dos clubes, trás por certo um mundo de saudades para muita gente. São jogadores do tempo das balizas às costas... Podia haver menos técnica, mas havia em geral mais entusiasmo — e melhor espirito de dedicação. Alguns jogadores vivem ainda e são reiquias do desporto. Outros ficaram pelo caminho... Para estes, as nossas saudosas recordações.

MÁRIO DE OLIVEIRA

## Assine a Revista "STADIUM,"

3 meses Esc. 19\$50

6 » » 39\$00

12 » » 78\$00

Pagamento adiantado

UM DOMINADOR DO AR

**Recorda-se ADOLPHE PÉGOUD**

**inventor do "looping", primeiro paraquedista, precursor e campeão mundial de acrobacia aérea**

Morreu em combate, na guerra de 1914-1918, sobre Petit-Croix, e foi honrado pelos seus vencedores como verdadeiro herói que era

ESTE «caso» de Adolphe Pégoud, de autêntica intuição pelas coisas da aeronáutica, é bem extraordinário e revelador de uma vocação que deve ter sido a maior e mais perfeita em assuntos de aviação. Em 1907, Pégoud assentava praça, pelo espaço de cinco anos, no V Regimento de Caçadores de África, em Mastapha, fazendo então a campanha de Marrocos, para passar mais tarde ao Regimento de «Hassards» e a seguir à Artilharia Colonial. Foi aqui, tendo como oficial o capitão Carlin, que Adolphe Pégoud recebeu o baptismo do ar, em Outubro de 1911. E veio a ser um «ás» mandal da aviação.

Desde o primeiro dia em que voou, o bravo Pégoud não mais alimentou outra aspiração que não fôsse a de vir a ser aviador! Com o auxílio de Carlin, seu grande amigo, cursou gratuitamente a escola de Bron, ali obtendo o seu «brevet» de piloto. E assim que terminou o tempo de serviço no Exército, em 13 de Fevereiro de 1913, procurou logo alistar-se na Aviação Militar; a carreira que idealizara, estava-lhe, porém, vedada, porque somente aos oficiais era dado pilotar aparelhos! Mas nem por isso perdeu as esperanças... Soluçionou o seu «caso», entrando, então como piloto, civil para o serviço da casa Blériot, na companhia de Perreyon e de Domenjoz.

Distinguiu-se rapidamente dos colegas. Aplicado ao estudo dos assuntos de aeronáutica, Adolphe Pégoud aperfeiçoou os seus conhecimentos e cedo revelou extraordinárias faculdades para o difícil mister de pilotar aparelhos em viagens de longo curso, de tal modo que Blériot confiava-lhe as mais difíceis missões, das quais o jovem aviador se saía sempre bem.

Ensalavam-se, por essa altura, os primeiros passos nos domínios da aeronáutica. E um dia, perante a admiração geral, Adolphe Pégoud lançou-se, em paraquedas, sem qualquer novidade! Mas para levar a cabo o seu intento (Pégoud foi o primeiro paraquedista) teve de despistar as autoridades, que o vigiavam atentamente para evitar aquilo a que se chamava uma verdadeira temeridade! Alcançando o seu objectivo, o destemido piloto, que começava a sentir as áras da idolatria e da celebridade, empenhou-se em novos feitos... E, assim, passou a executar vôos desconcertantes para a época, fantasias que criaram escola e mais tarde constituíram «figuras» de acrobacia aérea: «picanços», com o avião a cair verticalmente sobre o solo, «sábidas na vertical», «virlles» e ainda o famoso «looping», de que ele foi o inventor.

O grande aviador que fôra Blériot, vencedor da Mancha, passava da audácia de Pégoud—que lhe pedia insistentemente que o deixasse voar de cabeça para baixo... Claro que isto representava então outra temeridade! Mas Pégoud não era homem que abandonasse facilmente os projectos que formulava: e um dia, diante de uma multidão entusiasmada, executou o «looping» e o vôo invertido durante setecentos metros.

Veio a guerra de 1914. E Adolphe Pégoud, precursor da acrobacia aérea, audacioso como era, tornou-se o melhor piloto militar em aparelhos de «caça», devotando-se desde o alistamento às missões mais perigosas. A 9 de Outubro recebeu a sua primeira citação, em ordem do dia, e logo a seguir a medalha militar; era, então, subtenente. Mas a 31 de Agosto de 1915 a morte levou nas suas áras aquêle que parecia uma «águia» invencível nos domínios do ar... Caía como um bravo, no campo da honra, e como um bravo foi sagrado pelos próprios vencedores! Uma bala certaíra atravessou-lhe a aorta, no decurso de um combate com o tenente-metralhador von Billitz e o cabo-piloto Handaski, que tripulavam um avião blindado.

Uma deserção pormenorizada, da tremenda luta, diz-nos: «A equipagem alemã realizava um vôo de reconhecimento fotográfico, mas Pégoud, que era um valente, assinalou-o do seu aeródromo, pronto se lançando na perseguição; «cibrou» com toda a sua indômita audácia, para saber mais rapidamente, dando a impressão de que o aparelho que tripulava era um elevador. A dois mil metros de altitude, o inimigo não dava mostras de inquietação. Até que Pégoud chegou junto do avião blindado alemão—com o seu minúsculo «caça»—começando então uma batalha temerosa e de forças desiguais, pois enquanto Pégoud dispunha, apenas, de 37 cartuchos de metralhadora, von Billitz tinha 500... Mas o bravo francês não desistia! Sucedeu então o que se previa e era inevitável: o pequeno biplano de Pégoud, numa altura em que se encontrava justamente por cima do antagonista «afocinho» sabitamente, como um bôlide que se desprendesse das alturas, indo esfrangalhar-se não longe do aeródromo, em Petit-Croix. Correram logo em auxílio do destemido piloto, mas Pégoud estava coberto de sangue, irreconhecível e horrivelmente matilado pela violência da queda.

Foi assim o fim trágico do herói, corpo feito em pedaços, vida que se dera em holocausto a uma causa. Caía de esse modo um bravo, um grande «ás» da aviação, o Mando, inventor do «looping» e precursor da acrobacia aérea.

(Continua na página seguinte)

**ESTORIL****COSTA DO SOL**

(A 23 QUILOMETROS DE LISBOA)

**Excelente estrada marginal****Rápido serviço de combóios eléctricos****CLIMA EXCEPCIONAL DURANTE TODO O ANO****TODOS OS DESPORTOS:****Golf (18 buracos), Ténis, Hipismo, Natação, Esgrima, Tiro, etc.****ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL:****Moderno e elegante-Magnífica situação.****HOTEL DO PARQUE:****Todo o conforto-Anexo às Termas.****MONTE ESTORIL HOTEL:****(antigo Hotel de Itália) Completamente modernizado.****ESTORIL-TERMAS:****Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico.****TAMARIZ:****Magníficas esplanadas sobre o mar.****Restaurante-Bar.****PISCINA de água tépida-SALA DE ARMAS****ESCOLA DE EQUITAÇÃO «STANDS» DE TIRO****CASINO:****Aberto todo o ano****Cinema - Concertos - Festas****Dancing - Restaurante - Bars****Jogos autorizados****INFORMAÇÕES:****Sociedade Propaganda da Costa do Sol****ESTORIL**

# GRANDELLA

RUA DO CARMO ◊ RUA DO OURO

OS ÚNICOS GRANDES ARMAZÉNS DO PAÍS

VENDA DIRECTAMENTE AO PÚBLICO DE TODOS OS PRODUTOS DA INDÚSTRIA NACIONAL

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

No rés-do-chão	No 1.º andar	No 3.º andar	No 4.º andar
RUA DO OURO	RUA DO OURO	RUA DO OURO	RUA DO OURO
		<b>Rés-do-chão</b>	<b>1.º andar</b>
MALHAS	ALFAIATARIA	RUA DO CARMO	RUA DO CARMO
MÉIAS	ALGIBEBE	MÉIAS	DECORADOR
LANIFÍCIOS	MALAS	MALHAS	PELES
FANQUEIRO	CHAPELARIA	PERFUMARIA	CONFECÇÕES
LINHOS	SAPATARIA	LENÇARIA	DE SENHORA
PERFUMARIA	BRINQUEDOS	LUVARIA	ATELIERS PARA
CAMISARIA	PAPELARIA	GRAVATARIA	CONFECÇÕES
GRAVATARIA	<b>No 2.º andar</b>	NOVIDADES	<b>No 5.º andar</b>
LENÇARIA	RUA DO OURO	ROUPARIA	RUA DO OURO
LUVARIA	MÉNAGE	DE SENHORAS	MOBILIAS
NOVIDADES	LOUÇAS	RETROSEIRO	DE MADEIRA
ETC. ETC.	VIDROS	SÊDAS	MOBÍLIAS
	UTILIDADES	CONFECÇÕES	DE FERRO
	FERRAGENS	E ROUPARIA	
		DE CRIANÇA	

## Um dominador do ar

(Continuação da página anterior)

Os vencedores, porém não se haviam apercebido imediatamente do triunfo! Pégoud morto? Parecia impossível... Uma bala do intemerato francês furára a blindagem do avião alemão, e, recocheteando, atingira o reservatório da gasolina. O receio de uma fuga de essência determinara a ordem de von Billitz, ao seu piloto, para o regresso imediato à base; e para não abandonar a luta sem uma «recordação», do aparelho alemão partia uma última descarga! Fôra a descarga, certa e mortal, fatal para Adolphe Pégoud...

Em complemento, assinala-se que sómente a 6 de Setembro os alemães tiveram conhecimento da morte do herói francês. Von Billitz escreveu no seu diário: — «Preocupado com a idéa de uma aterragem forçada, nas linhas inimigas, não mais me interessei com o destino do aparelho francês; e uma vez alcançado o aeródromo, contei o sucedido, não dando importância a uma luta que se me afigurava desigual; só em 6 de Setembro é que tive conhecimento, pelos jornais franceses, de que no decorrer da rápida batalha aérea o célebre Pégoud tombara como um verdadeiro herói que era».

Ao receber a noticia, a equipagem alemã, vencedora do desventurado francês, foi imediatamente deixar cair, sobre o local em que tombara o valoroso piloto adversário, uma corda com uma fita que tinha impressa a legenda seguinte: — *Ao aviador Pégoud, morto em combate pela sua Pátria. Homenagem dos vencedores.*

Esta distincção revela quanto o jóvem piloto francês era admirado — até mesmo pelo próprio inimigo. Adolphe Pégoud, que pagou com a vida a sua bravura e temenidade, foi, assim, como nenhum outro, sagrado pelos vencedores, através de uma homenagem póstuma que significa muito o seu valor como «ás» da aviação.

## O primeiro campeão judeu

(Continuação da página 10)

tinham sido dispensadas a Humphreys acharam-se transferidas para Mendonça.

Concordando, muito embora, em que o seu jogo não tivesse nem a ciência nem a elegância do de Humphreys, toda a gente reconhecia que fôra mais brilhante e audaz, anunciando uma modalidade nova nos metodos de combater, pela variedade dos golpes e rapidez da sua execução.

O vencedor, no dia seguinte, comunicava ao protector a sua vitória nos termos seguintes:

«Senhor, bati o judeu e sinto-me bem.»

A desforra jogou-se algum tempo mais tarde e o elegante e pomposo Humphreys não resistiu ao poder do semita. O terceiro e último encontro teve lugar em Doncaster, no dia 29 de setembro de 1790, e tornou-se decisivo, após 1 hora e 5 minutos [de batalha, a favor de Mendonça.

Em 1793, o campeão de Inglaterra «Big Ben» Ryan punha o titulo em jogo e era abatido ao 9.º assalto, deixando assim o diadema da supremacia. Só três anos depois, a 15 de Abril de 1795, Daniel Mendonça baixava a cerviz perante John Jackson, que se tornou uma das mais brilhantes — senão a mais estupenda — figuras do *Prize Ring*.

Se a gente semitica tem motivos para se orgulhar de Daniel Mendonça, o seu primeiro campeão, também os portugueses têm direito a uma quota-parte, pois embora nado e creado na Inglaterra levou de cá, juntamente com o apelido, o temperamento, a vivacidade e outros atributos que herdara dos antepassados e sem os quais não teria podido ascender a tão altos destinos da vida do *ring*.

## TODDY é Unico

TODDY é um creador de energias, de vitalidade e de forças.

TODDY é um alimento ideal para o anno inteiro. Os estomagos mais delicados digerem TODDY com facilidade.



# TODDY

Nutre, fortalece e vigorisa

Fabricas em 19 paizes inclusive no Brasil

VINTE E CINCO ANOS AO SERVIÇO DO DESPORTO

## As «bodas de prata» de concursista do capitão HELDER MARTINS

720 prémios e 22 vezes Internacional

A próxima época hípica vai trazer-nos—e com isso nos congratulamos—um caso invulgar, que bem merece ser lembrado, não só por essa faceta mas também porque revela, sem contestação possível, uma dedicação pela causa desportiva digna dos melhores elogios.

Helder Martins, oficial de cavalaria de elevado mérito, comemorará em 1945 as suas «bodas de prata» de concursista. Vinete e cinco anos de triunfos e de dedicação ao serviço do desporto que aprecia acima de qualquer outro e ao qual tem emprestado o melhor do seu esforço, boa vontade e saber.

Foi de facto em 1920 que o então aspirante Helder Martins entrou na pista para tomar parte no seu primeiro concurso hípico.

Revelou desde logo qualidades para a arte de bem montar—arte

difícil, na qual os portugueses brilharam sempre. Surgiram os primeiros prémios e alinhou imediatamente ao lado dos vencedores. De então para cá, todos os anos, sem interrupções—e nisto está a nota inédita—apareceu nas pistas, com regularidade que demonstra cabalmente o seu interesse pelo desporto a que mais se dedicou, pôsto que foi também esgrimista muito hábil.

A sua carreira desportiva não se conta em meia dúzia de linhas e os seus prémios não se mencionam com facilidade. Basta dizer que o capitão Helder Martins figurou duas vezes na lista dos representantes de Portugal nos Jogos Olímpicos—em 1924, em Paris, e em 1928 em Amsterdão—e foi 22 vezes escolhido para fazer parte das equipas nacionais que representaram a cavalaria portuguesa em Madrid, Nice, Roma, Nápoles, Milão, Corunha, Salamanca e Fontainebleau. Em todas as provas disputadas marcou a sua personalidade dentro de um desporto onde ainda hoje ocupa um dos primeiros lugares. Os seus êxitos são inúmeros e a lista dos prémios conquistados ascende a 720, número que proclama bem alto o valor e os conhecimentos profundos do grande cavaleiro.

Ao entusiasmo da luta desportiva, Helder Martins empreste inconfundivelmente a sua arte de bem conduzir, pondo ao serviço do desporto as prémias da sua inteligência. Em vinte e cinco anos, o conhecido concursista foi sempre o mesmo: o seu entusiasmo não diminuiu e que o seu desportivismo manteve-se intacto. Como nos sabe bem dizê-lo, num país onde o desporto só agora parece ser verdadeiramente compreendido!

Sempre a mesma disposição, a mesma alegria, o mesmo espírito batalhador—tanto nas lides de vitória—e tantas são!—como naquelas em que o seu nome não figurou entre os premiados. Não o embriaga a vitória e o seu valor de concursista caminha, lado a lado, com a modéstia que todos lhe conhecemos.

Entre os mais importantes triunfos obtidos no estrangeiro é justo salientar o do «Grande Prémio» de Milão, num concurso em que tomaram parte oito nações. Três anos consecutivos ganhou Helder Martins, em Madrid, a «Copa do Infante D. Fernando» tendo triunfado na «Copa dos Vencedores», da Corunha, e na «Caça» dos concursos de Nice e de Nápoles. Disputou quatro vezes a «Taça de Ouro da Península», tendo-a ganho três, a última dos quais este ano. Em Portugal obteve também inúmeras vitórias, tendo triunfado duas vezes no «Grande Prémio» e na «Taça de Honra» dos concursos de Lisboa. Ganhou ainda dois «Grandes Prémios» do Porto, um de Viana do Castelo, dois de Figueira da Foz, um de Chaves e dois das Caldas da Rainha. Dez vitórias na prova mais importante de todos os concursos e dois 2.<sup>os</sup> lugares, em Madrid, separado dos vencedores por escassos segundos! Um pormenor curioso da carreira desportiva de Helder Martins: em todos os locais onde houve e há concursos, tem, pelo menos, uma vitória na «Taça de Honra»; de todas as espécies de provas realizadas no país, conta no seu activo, pelo menos, um 1.<sup>o</sup> prémio.

Entre os triunfos mais emocionantes figura o de Milão, a que já nos referimos, e o do «Grande Prémio» de Lisboa, em 1931, no «Belin», contra duas equipas estrangeiras. Nesta última prova, foi o capitão Helder Martins um dos derradeiros cavaleiros a concorrer, estando nessa altura à frente da classificação um francês, seguido de um espanhol. Foi um verdadeiro delírio quando Helder Martins terminou o percurso, batendo por 12 segundos o cavaleiro francês...

São esporádicos os casos semelhantes ao do distinto concursista. Não é vulgar encontrar-se um desportista que alcance as suas «bodas de prata» em plena forma, sem perder nenhuma das suas qualidades iniciais. Mais raro ainda encontrar-se um elemento de desporto que com tanta pertinência permaneça 25 anos em actividade constante, sem quebra de interesse ou afrouxamento de entusiasmo.

Obleve os seus êxitos com os cavalos «Avro», «Pigeon-Shoting», «Bob», «Carlisle», «Belin», «Paloia», «Xerez» e «Optus», e ainda hoje trabalha activamente a sua égua «Complexity»—um animal que nos parece de extraordinária categoria. Quem sabe se com êle tornará brilhante, e talvez memorável, o ano de 1945, ano das suas «bodas de prata»?

A carreira do capitão Helder Martins é das que pode e deve ser apontada. Quem assim serve o desporto, serve-o bem e pode orgulhar-se da sua obra.

ANTAS TEIXEIRA

**António Braz, L.<sup>da</sup>**

Antiga Casa Braz & Silva

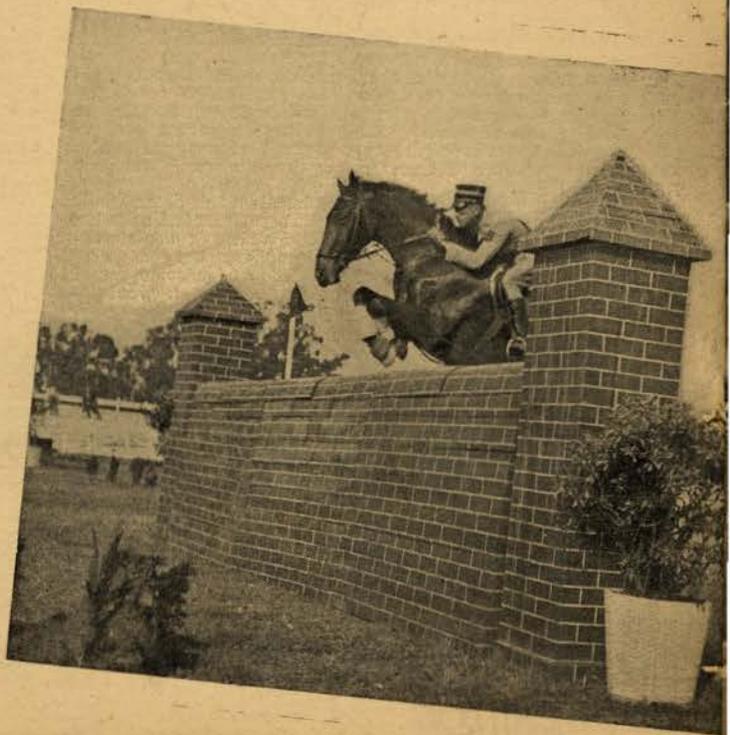
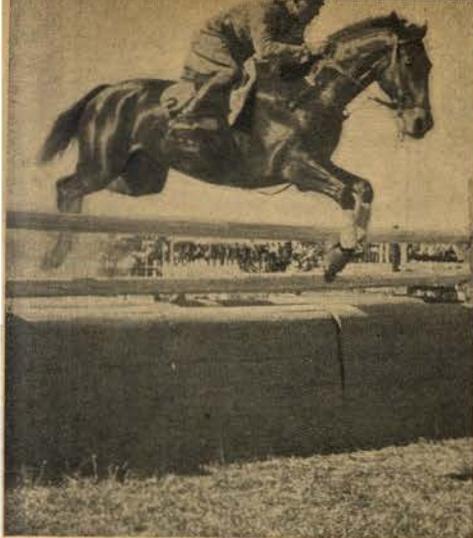
**Loças, Vidros, Esmaltes e seus derivados por atacado e a retalho**

Rua da Palma, 252—254-A

ARMAZÉM: Rua do Benfornoso, 133-B

Telefone 2 8961

Desconto de 10% aos sócios do Sporting



# Os jogos de GUIMARÃES, PORTO, ESTORIL e OLHÃO



EM OLHÃO: 1— Defesa de Abraão, carregado por Armando; 2— Acácio em ação. NO ESTORIL: 3— Intervenção oportuna de Nascimento; 4— Na grande área setubalense. EM GUIMARÃES: 5— A defesa local anula um ataque dos estudantes. NO PORTO: Bandeira Mergulha — mas Catolino faz o 3.º «goal»



# Que pensa da "Stadium"

Casas recomendadas  
pela STADIUM

(Continuação da página 9)

porque, através das suas variadas secções e assuntos, se nos mostra com agradável dinamismo, próprio de um jornal moderno. E estou satisfeito porque vejo que a «Stadium» não salienta este ou aquele clube — mas acompanha o desporto de maneira geral.

Continuávamos na nossa missão quando outra surpresa se nos depara.

Pela janela — bem fechada! — do eléctrico em que seguimos vimos a figura de um homemzarrão. O capacete muito branco fazia destacar o seu fardamento escuro. Caminhava lentamente, por entre o vai-vem sussurrante que animava a rua dos Fanqueiros. Era o Manuel da Silva, o belo atleta, campeão nacional, que nesse momento, livre da sua função de regulador do trânsito, ia lendo a «Stadium».

Saltámos do carro. Já o «tic» oportuno do disparo instantâneo da máquina do Madeira registara o ocasional encontro quando nos acercámos do campeão.

— Pelo que vemos, gosta de ler a «Stadium»?

— Sou um fiel leitor. Mesmo agora acabei o serviço e o primeiro cuidado foi comprar a vossa revista. E aprecio a «Stadium» porque além do interesse das suas boas fotografias nos ensina muitas coisas! O «Corrija o seu estilo», por exemplo...

E o campeão lá se foi, todo entretido...

Tínhamos já gasto algumas horas a passear por Lisboa. Havíamos visto a «Stadium» na mão do operário madrugador, na do empregado do comércio e de escritório, nos cafés, nos eléctricos, por toda a cidade.

O que pensariam também da revista os presidentes dos nossos dois maiores clubes de futebol? É inegável que na vida do desporto nacional as duas colectividades representam íntegra pedra de toque. Não hesitámos. O enorme movimento de um dos nossos mais importantes estabelecimentos bancários não nos demoveu do intento. Estava ali Costa e Sousa, actualmente dirigindo os destinos do popular Benfica. Anotámos, num momento, a sua opinião.

— Tenho imenso prazer em felicitar a «Stadium». A minha opinião é de aplauso à revista, que tem seguido um caminho que revela direcção firme. Satisfaz-nos a autoridade com que se nos apresenta, afastada da ideia de servir uns ou outros, mas somente a causa desportiva. É uma revista feita com inteligência e correcção!

Minutos depois subíamos, em pequeno elevador, a um edifício da rua de S. Julião. Estávamos na Marconi, iríamos colher a gentileza de uma opinião do presidente do Sporting.

O dr. Barreira de Campos recebeu-nos no seu gabinete, em cuja secretária vênus já um exemplar da «Stadium» desse dia.

— Acho que têm cumprido muito bem — diz-nos. Belo aspecto gráfico e os assuntos abordados com imparcialidade. Reconheço-lhes auto-idade e vejo que observam o desporto português com magnífica parte técnica, desportiva e documental. Compro-a sempre com interesse... Pode dizê-lo!

Meio dia. Para a «Stadium» abre-se sem dificuldades a porta do gabinete do sr. Director Geral de Desportos. O motivo do pedido da nossa audiência é acolhido pelo sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro com palavras amabilíssimas, termos que são magnífico incentivo para prosseguirmos na nossa missão.

A simpatia com que o ilustre chefe dos desportos nos recebe confunde-nos. A sua mão firme de militar e de esgrimista traça sobre a alvura de uma folha de papel as palavras com que distingue a passagem do 2.º aniversário da «Stadium».

A amabilidade tão cativante do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro retém-nos por mais uns momentos no seu gabinete.

Depois, voltámos ao prosseguimento da reportagem...

Um encontro ocasional com o nosso distinto

camarada Ricardo de Ornelas — mestre em jornalismo desportivo — forneceu-nos a opinião de que carecíamos. Mesmo colocando o ilustre cronista desportivo na situação ingrata de falar de amigos e de oficiais do mesmo officio, sentimo-nos à-vontade, contando com a sua imparcial opinião. Fosse qual fosse a maneira de pensar a nosso respeito, Ricardo de Ornelas seria franco, sem perder a mínima noção de camaradagem — em que éle pode ser apontado como exemplo. E ouvimo-lo:

— Sem favor, acho a «Stadium» admirável. E para que se não diga que é por prazer que tenho esta opinião, explico-a. É que nas nas circunstâncias actuais, com escassez de papel, falta de tintas e pobreza de material fotográfico, apresentar números como os da «Stadium» chega a ser heroico». Heróico e desinteressado, pois apesar da larga expansão da revista — que bem a merece — a parte lucros não deve aguçar apetites. É do melhor que se tem feito em Portugal e com o que faz está tanto à altura das máximas possibilidades presentes que, para o nosso meio, a «Stadium» é inexcusável.

«Mas não só a ilustração vale na revista. A sua colaboração técnica e «magazinesca» também é valiosa; tem seriedade de processos e nestas coisas desportivas a seriedade tem de prevalecer. Doutrina, critica e propaganda feitas desta forma sabem muito bem e fazem muito bem a quem lê, a uns para controlarem a sua opinião e a muitos para terem a noção do que conseguem como praticantes.

E despede-se de nós dizendo-nos ainda:

— Não se molesta decerto que felicite especialmente Avelar Machado. E à revista, muitos anos de prosperidade!

Tínhamos ouvido o bastante — e preparámos o regresso à redacção. O nosso fotógrafo deixara-nos — a reportagem estava feita — e entrámos no Rossio.

Um encontrão... e deparamos com a cara sorridente do Nelson de Barros, o conhecido escritor teatral e humorista — e também companheiro de jornalismo desportivo, passe a inconfidência...

Não podia haver o clássico instantâneo —



O primeiro cuidado depois do serviço...

mas não quisémos deixar de disparar a clássica pergunta:

— Nelson! Que pensa você da «Stadium»...

— Penso que com as dificuldades dos tempos que correm, a «Stadium» representa um esforço de realizar a que o público aficionado dos espectáculos desportivos tem obrigação de corresponder — comprando-a.

(Conclui na página seguinte)

ARTIGOS  
DE SPORT  
E JOGOS

SPRIL

RUA DO LORETO  
34-2.º = LISBOA  
TELEFONE 2 2797

## Casa Velo Parede de Manuel Valeriano Gomes

Bicicletas a dinheiro e a prestações  
Reparação, Pintura,  
Acessórios para Bicycletas.  
Aceitam-se Bicycletas em troca

Rua Luiz de Camões  
PAREDE COSTA DO SOL

## Eléctrica do Norte

Bernardino Simões & Ca. Lda.

Depósito de todo o material eléctrico, cabos, fios, máquinas, candeeiros, etc.

Rua Alferes Malheiro, 12 - Tel. 5740  
(Próximo à estação da Trindade)  
PÓRTO

## ARMAZÉNS DA RUA DA PALMA

Rua da Palma, 118 a 124 - LISBOA  
Telefone 2 8551

Mobílias em todos os estilos

Móveis, Maples, Estofos e Decorações  
Novas remensas de estamines suíças  
Damascos, Veludos e cretones

## CERVEJARIA PORTUGAL CAFÉ RESTAURANTE BILHARES

RUA DA PALMA, 206 - LISBOA  
Telefone 2 9034

## BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

CAPITAL REALIZADO... 80.000.000\$00  
FUNDO DE RESERVA... 64.800.000\$00

Rua do Comércio, 95, a 119 - LISBOA

Tôdas as operações bancárias

**Que pensa da «Stadium»**

(Continuação da página anterior)

«Eu compro-a todas as semanas. Mas também não admira... Eu sou «doente» do Benfica...»

Um aperto de mão — e lá se foi, com o seu característico sinal...

A tarde ia em meio. O inquirito que de surpresa fizéramos, no decorrer de uma volta por Lisboa, fornecera-nos algumas curiosas opiniões sobre a presença da «Stadium» na vida desportiva do país.

Afinal, podíamos estar satisfeitos com o nosso trabalho! Era bem compreendido o nosso esforço. As boas palavras que ouvimos ficam como bom prémio destes dois anos de trabalho, que a «Stadium» ofereceu aos seus leitores e em especial ao desporto nacional. E voltámos satisfeitos para a redacção, onde um novo calendário para o ano que vem parece dizer-nos, num desafio à nossa coragem e disposição de trabalho: Vamos a isto?!  
E vamos mesmo...

FERNANDO SÁ

# A ILUMINANTE

O maior armazem de material eléctrico

LISBOA

PÔRTO

## Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco afeito. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

À venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítários gerais: Vestura d'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, esq. (a Santos), Lisboa.

Enviamos amostras contra 4850 em selos do correio, nome e morada.

## Oficina de Calçado Desportivo

do **BEATO**

de **DANIEL TEIXEIRA**

Especializado em todos os artigos para desportos — Calçado e botins tipo alentejano e «Mocidade Portuguesa».

TELEFONE 38 298

**CALÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5 LISBOA**

## Damery

CATEGORIZADO ESPUMANTE NATURAL

«Brazil»

A MARCA PARA TODOS

Vinhos de mês Brandy  
«JUNQUEIRA» «BEISECKER»

Caves da Curia, Ltda.

AGENTES:

PORTO:

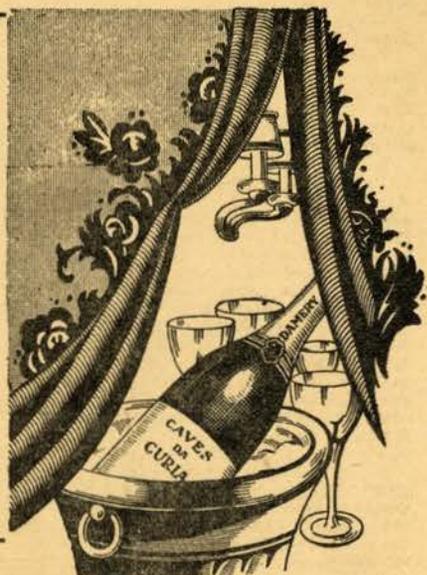
James Cassels & C.ª Suc.  
Rua Mousinho de Silveira, 85-1.º — Telef. 1423

LISBOA:

Andrade, Nolesco & Totta, Ltda.  
Rua do Loreto, 34 s/l. — Telefone 2 3823

COIMBRA:

Manuel Guimarães  
Rua Oriental Montarroi, 121



## FLECHA A MELHOR BICICLETA

Pneus  
Câmaras  
Baterias  
Espanjas  
Camurças  
Ferramentas  
Remedos a fogo  
Lâmpadas  
para automóveis  
Óleos  
Massas  
consistentes  
Valvulinas



Aceitamos  
**BATERIAS**  
para reconstruir  
e **PNEUS**  
para recauchutar

Telefone 41579

## TUDO PARA AUTOMÓVEIS

38-RUA DO SACO-40 (ao Campo de Santana)

## Alfaiates - Camiseiros

**SILVEIRA & MARQUES, Lda**  
Telefone 25664  
753, RUA DO OURO, 255

Um fajo ou uma camisa executados  
na nossa casa  
marcam a distinção de quem os usar



**FLECHA**  
*a bicicleta que triunfou lançada pela*  
**'A ILUMINANTE'**  
AVENIDA ALMIRANTE REIS 6